

— CADA NUMERO CONTÊM UMA OBRA COMPLETA —

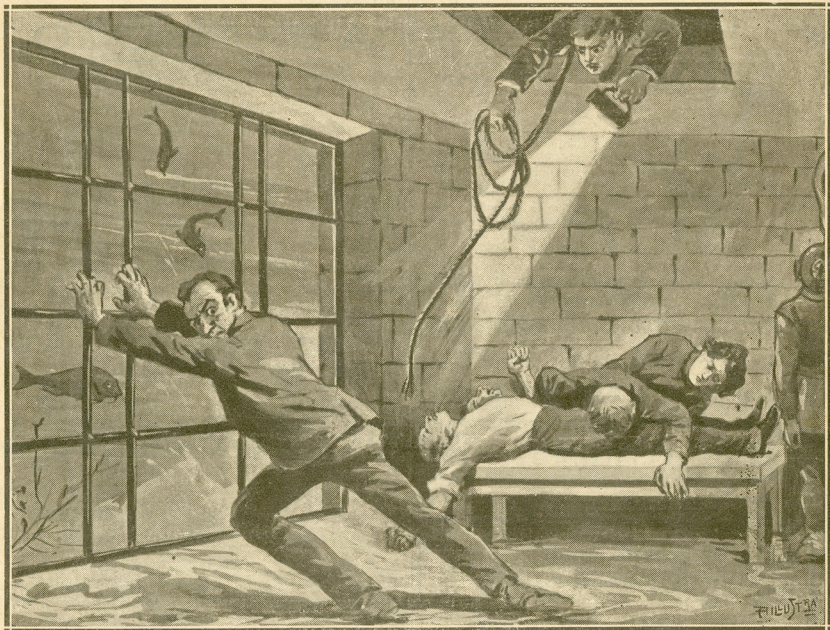
• A NOVELLA POPULAR •

N. 115



Aventuras extraordinárias dum policia secreto

O REI DOS BANDIDOS



EDITOR E PROPRIETÁRIO, F. A. MIRANDA E SOUSA

COM DE IMPRENSA EMP. LUSITANA EDITORA

C. DO FERREGIAL 23, PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO
60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

DA NOVELLA POPULAR

C. DO FERREGIAL 23, LISBOA

Encyclopédia Popular

Collecção de obras de vulgarisação

● científica ao alcance de todos ●

Vulgarisar todos os conhecimentos humanos em pequenas obras, de maneira a desenvolver nos leitores interessados o gosto pelos estudos científicos, tão necessários para a educação do povo, eis o fim a que visa esta primorosa collecção, que encerrará verdadeiras obras primas, devidas ao talento dos maiores escriptores mundiaes.

Está publicado o primeiro volume:

Como pode acabar o mundo

✓ Segundo a sciencia e segundo a religião ✓

por C. de KIRWAN

Livro de sciencia popularisada, a obra que inicia a série da *Encyclopédia Popular*, tem obtido no estrangeiro os mais colossais dos exitos.

No preço:

Atravez do Espaço, por Camillo Flammarion
Os Mundos desapparecidos, por Zaborowsky
As Estrellas e os cometas, por Secchi
O Panorama dos Seculos, por J. Weber
A Intelligencia e o cerebro, por G. M-tisse
Magnetismo e Espiritismo, por G. Danville
O Alcoolismo e os seus estragos, por Serieux
e Mathieu
A Physiologia de Espirito, por Paulhan, etc. etc.

100 rs.

CADA VOLUME BROCHADO E
=NITIDAMENTE IMPRESSO=

rs. 100

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO *

Desde os primitivos tempos
até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

I Obscenidades primitivas — A Prostituição na Antiga Grecia	300
II Impudicicias de Roma Primitiva — Devassidão dos Romanos	300
III Desmoralisação Franceza — Tempos modernos ..	300

No preço:

IV (e ultimo volume) Tempos modernos	300
--	-----

Um romance completo por

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200
● REIS ●

==CADA VOLUME CONTEM==

== 14:00 LINHAS ==

DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

O homem das multidões, de Pierre Zuccone.
O casamento d'um forçado, de A. Bouvier.
A aposta maldita, por Jules de Gastyne.
Os Facas d'Oiro, por Paulo Fénel.
As filhas do povo, por Alexis Bouvier.

No preço:

A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escurupulosa attenção, comporão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

● REIS ● um bom romance completo

100 maneiras de nos
defendermos na rua

COM ARMAS

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente
ilustrado, impresso em magnifico papel

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

◆ ◆ ◆ Edições luxuosissimas ◆ ◆ ◆

com bellas e numerosas gravuras intercaladas

◆ ◆ ◆ no texto ◆ ◆ ◆

A *Modern-Bibliotheca* é constituida por edições luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

- I — Ditoso Iar, por Marcel Préost
- II — Aphrodite, por Perre Louys
- III — Prima Laura, por Marcel Préost

500 Rs.

Preço de cada volume
brochado

Rs. 500

ACD
823.91
D598.99
p47
v.5 no. 115

O REI DOS BANDIDOS

por Conan Doyle

CAPITULO I

Um assassinio mysterioso

O grandioso e luxuoso salão de Covent-Garden Theatre estava esplendidamente illuminado. Grande numero de colchas recobriam as suas paredes e columnas e o pavimento parecia transformado em um formoso jardim, devido aos numerosos massigos de flores que ali se viam. A animação propria dos bailes era ainda augmentada pelos *travestis* dos pares, pertencentes ás familias opulentas e aristocraticas de Londres.

Entre os que ali estavam havia individualidades distinctas da colonia estrangeira.

A magnifica orchestra havia executado um trecho a que os inglezes dão o nome de *fancy dress*.

No intervalo, a animação e a alegria augmentaram, o que se conhecia pelos risos e gargalhadas que se ouviam. Emquanto numerosos engraçados cruzavam graciosos e alguns tinham verdadeiros ditos de espirito, alguns pares passeiavam, approximando os rostos para segredarem.

Entre elles attrahiam principalmente a attenção,

pelo modo como andavam juntos e pelo garbo e elegancia do andar, dois pares, um dos quaes composto por um toureiro hespanhol e uma *manola*, e outro por dois suíços.

Depois d'algumas voltas a toda a extensão do salão, o par *travesti* de suíços dirigiu-se para uma porta, por onde desaparecera pouco antes o par hespanhol.

No momento dos suíços desapareceram, voltou ao salão a *manola*, que se perdeu entre os espectadores.

Appareceu então entre os mascarados um dominó amarello, que começou a passear pela sala, ora parando junto d'algum grupo, ora continuando o seu passeio.

D'ahi a pouco começou a fazer passes que attrahiram a principio a curiosidade e em seguida excitaram a hilaridade publica.

Ao principiar nova valsa, o dominó amarello approximou-se da porta por onde pouco antes tinham entrado os dois pares e empurrou-a.

Estava fechada.

Nesse mesmo instante ouviu-se um grito atterrador, seguido de um ruido surdo como o do baque de um corpo.

O dominó começou a bater á porta para que lh'a abrissem.

Os que estavam assistindo ao baile, como não ti

nham ouvido o grito aterrador e ainda menos o ruído produzido pela queda, ficaram surprehendidos ao ouvirem os muros que o dominó dava na porta.

Esta continuava fechada, sendo inúteis as tentativas que o mascarado fazia para que lh'a abrissem.

Alguns pares deixaram de dançar e agruparam-se, assustados e curiosos, em redor do dominó, a esses juntaram-se outros, formando-se em breve um numerosíssimo grupo em frente da porta fechada.

—Chamem um medico e tragam eom que arrombar esta porta, disse o dominó aos empregados que se approximaram. Commetteu-se aqui um assassinio!

Momentos depois, esta palavra corria de bôcca em bôcca, a orchestra emmudecera e na vasta sala reinavam a mais funda expectativa e silencio, interrompidos apenas de quando em quando por um ou outro segredo, como se se não quizesse perturbar a solidão da victima do crime.

Com um machado que lhe trouxeram, o dominó amarello, que tirára a mascara, deixando vêr um rosto sobre o comprido, magro, com olhos cheios de viveza, fez em pedaços a porta de madeira e precipitou-se para a sala, completamente ás escuras.

O dominó accendeu a luz e seguido pelos mascaras, ainda ha pouco tão alegres, começou a examinar o local. A um canto via-se caída uma mulher. Todos os olhares convergiram para a victima e ouviu-se um grito de terror.

Era a galante mascara vestida de suissa!

O dominó amarello voltou-se então para os curiosos e disse em tom auctoritario:

—Queiram sair d'aqui, porque a porta vae ser fechada!

Sem preguntarem sequer quem era o que dava tal ordem, dominados pela attitude e olhar vivo do desconhecido, os curiosos foram saindo, pensando nas vicissitudes da vida.

A victima tambem pensara em divertir-se n'aquella noite! Quão longe estava de pensar na desgraça!

Eram estes os pensamentos dominantes em todos aquelles mascarados, que só haviam pensado em divertir-se durante aquella noite.

O dominó curvou-se sobre a mulher que estava caída no chão, encostou-lhe o ouvido ao peito e escutou.

Teve um sorriso de satisfação. Apesar de apparentemente parecer morta, a victima estava ainda viva, pois o coração pulsava lhe fracamente. Talvez ainda se pudesse salvar se fôsse soccorrida promptamente. Um homem appareceu no salão, que foi acompanhado por um empregado até á porta da sala onde se dera o drama e onde já se via o dominó.

—Sou medico, disse o recém chegado ao dominó Precisa de mim?

—Queira entrar.

E levou-o junto da mulher que jazia estendida no chão.

Emquanto o medico examinava a victima, o dominó amarello dirigiu-se ás janellas da sala.

N'uma d'ellas descobriu signaes de terem saltado por ella o assassino ou assassinos e de terem desaparecido no jardim.

O medico levantou-se e disse ao mascarado.

—Ainda está viva. A ferida foi feita com um punhal, atravessou lhe os tecidos pulmonares e chegou quasi ao coração.

—A ferida é mortal? perguntou o dominó com interesse.

—Sim, segundo todos os symptomas.

Houve uma pequena pausa, durante a qual o dominó esteve observando o que o medico fazia.

—Posso tirar-lhe a mascara? perguntou o medico. O dominó dirigiu-se á porta, fechou-a á chave e voltando-se para o medico, disse laconicamente:

—Pode.

Tirada a mascara, appareceu um formoso rosto de mulher, cujos olhos estavam fechados; nos pequenos e purpureos labios reflectia-se a amargura e a angustia, e nas faces, que, sem duvida, habitualmente, tinham uma suave côr de rosa, apparecia a pallidez da morte; os formosos cabellos estavam desgrehados e manchados de sangue.

Decorridos momentos, bateram com força á porta e, aberta esta, entraram um sargento de policia, dois maqueiros e alguns agentes.

O boato do crime espalhára-se já e chegára aos ouvidos da policia.

—Ninguém saia d'aqui! disse com auctoridade o sargento.

E, dirigindo-se ao dominó:

—Que faz aqui? perguntou elle.

—Vá o senhor lá para fóra e faça com que ninguém nos incommode enquanto o medico não fizer tudo quanto é possível para salvar a ferida, replicou o dominó amarello.

E, accrescentou, apoz uma breve pausa:

—Sou Sherlock Holmes.

Estas palavras produziram o maior effeito. Os agentes de policia tomaram uma attitude respeitosa, enquanto o medico fazia uma profunda reverencia.

—Peço-lhes que não digam a ninguém o meu nome, accrescentou elle, quando os agentes se dirigiram para a porta.

Estava ali, á espera, a hespanhola, que, com a mascara tirada, entrou apenas a porta se abriu para os agentes sairem, não fazendo caso das advertencias que lhe dirigiam.

Lançou-se sobre o corpo da ferida e começou a exclamar, no meio d'uma torrente de lagrimas:

—Laura, minha Laura, quem foi o malvado que

te feriu? Abre os teus olhos e dize-m'o, que prometto vingar-te!

E, ao proferir taes palavras, beijava e abraçava ininterruptamente o corpo da ferida, como se quizesse dar-lhe vida e alento.

Interrompeu-a n'estas demonstrações de affecto o criminalista Sherlock Holmes, dizendo-lhe carinhosamente:

— Conhece esta senhora?

— Era a minha melhor amiga, viviamos ambos em Carlesstreet, respondeu a mascara vestida de hespanhola.

E, apoz uma breve pausa:

— Desejava saber com quem tenho a honra de fallar.

— Sou um agente da auctoridade,olveu Sherlock Holmes.

E, dirigindo-se ao medico, disse-lhe em tom tranquillo:

— A ferida pode ser transportada d'aqui?

— Parece-me que sim, sr. Ho... respondeu o medico.

Um olhar significativo do criminalista cortou a palavra meio começada.

Sherlock Holmes dirigiu-se aos maqueiros e ordenou-lhes que mettessem a ferida na maca, com toda a cautela para a levarem.

E olhando para o sargento de policia:

— Queira ir a James-Street, que dista d'aqui uns cinco minutos, e entrar na casa de saude do dr. Mackbell.

«Dir-lhe-ha em meu nome que prepare um quarto para esta senhora ferida.

«Principalmente que lhe recommendo que seja bem tratada.

— Mas, senhor, para onde quer mandar Laura? exclamou a hespanhola, toda chorosa. Em parte alguma está melhor do que em minha casa; chamarei o melhor medico de Londres para a tratar.

«Para as casas de saude e para os hospitaes só vão os que não teem amigos.

E ao proferir estas palavras a voz tornou-se-lhe mais firme.

Supplicou ao criminalista, com os olhos cheios de lagrimas, que lh'a deixasse levar para sua casa, mas Sherlock Holmes não respondia. Estava pensativo.

Finalmente respondeu, sorrindo:

— Sinto muito não poder acceder aos seus desejos, minha senhora. Como vê, a ferida tem inimigos poderosos, os quaes attentarão contra a sua vida.

«Por isso, é meu dever pô-la fóra de perigo.

«Em parte alguma ha mais garantias de segurança que n'uma casa de saude particular, nem em parte alguma são os doentes mais bem tratados.

«E' errada a ideia que forma das casas de saude

inglezas; n'ellas entram as personagens mais distintas, que adoeçam.

Ao dizer isto, Sherlock Holmes fixava o olhar na hespanhola.

— Se assim é, muito satisfeita fico por a minha amiga ir para a casa de saude, respondeu a interlocutora do criminalista.

Apoz uma pequena pausa, accrescentou;

— Ser-me ha permitido vê-la com frequencia?

— Isso depende de auctorisação do director da casa de saude, respondeu o criminalista.

— Nos primeiros quarenta dias serão prejudiciaes á ferida todas as conversações, disse o medico. Por isso creio que durante elles não poderei vêr a sua amiga, isto no caso da ferida resistir e...

— Julga por ventura que Laura...? interrogou a hespanhola.

Calou-se derramando abundantes lagrimas.

— A sua vida corre perigo, respondeu o medico.

— Meu Deus, que desgraça! exclamou ella.

E occultou o rosto n'um lenço.

Na maca via-se já estendida a ferida, que para ella fóra transportada com a maior cautella.

D'ahi a momentos saiam os maqueiros, levando a victima e acompanhados pelo medico.

O grande criminalista dirigiu-se de novo é hespanhola, dizendo-lhe:

— Tenha a bondade de responder a algumas perguntas que lhe vou fazer a seu respeito e da sua amiga, minha senhora.

«Essas perguntas só teem por fim descobrir o criminoso ou criminosos auctores do assassinio.

A hespanhola fixou o olhar em Sherlock Holmes, respondendo:

— Faça as perguntas que lhe pareçam indispensaveis.

«Estou perturbada... não sei o que tenho!

«Era tão bondosa e tão amavel que não posso conceber como ella tinha inimigos!

— Não teria alguma questão com o amante ou namorado? perguntou o criminalista.

Viu que a hespanhola, sem se atrever a responder olhava para elle perturbada, e proseguiu:

— Como se chama a ferida?

— Laura de Reide.

— E' allemã?

— Sim, senhor. E' de boa familia e, assim como eu, não tem parentes. Estamos ambas no theatro Shaftesbury.

Ab! exclamou Sherlock Holmes, recorde-me agora de que a conheço.

E, deitando-lhe um olhar penetrante, accrescentou:

— A senhora chama-se Magdalena Berdon. Pelo menos, é esse o seu nome no theatro.

— E' verdade. Ha tres mezes que ahi estou e des-

de então tenho vivido em companhia de Laura em Carlesstreet, numero 87, terceiro andar.

— Não veio ao baile em companhia de dois cavalheiros? perguntou Sherlock Holmes.

A actriz perturbou-se com esta pergunta e, hesitando, respondeu:

— E' verdade. O companheiro de Laura era o visconde de Sallin... e o meu... era lord... ou antes...

Interrompeu-se, sem proferir mais palavra alguma e fixou o olhar em Sherlock Holmes, cheia de angustia.

— Que caro nos saiu o baile de mascarar! acrescentou ella apor alguns minutos de silencio. Resolve-mos ella vestir-se de suíssa e eu de hespanhola.

«Os dois cavalheiros que nos acompanhavam, o visconde de Sallin e lord Lanstope, que eram nossos conhecidos... quizeram vestir-se de modo a que formassemos dois pares.

«Nós nada sabíamos. Depois de nos termos vestido em casa, appareceram elles vestidos, respectivamente, de hespanhol e de suíço.

— Onde estão esses cavalheiros? perguntou o criminalista.

A actriz olhou para todos os lados, como se só n'aquelle momento desse pela ausencia dos dois homens.

— Deixei-os aqui, n'esta sala, com Laura, e fui dar uma volta pelo salão, respondeu ella. Entretanto, com algumas amigas, sai para o jardim e quando voltei já o crime se tinha commettido.

«Em frente da porta d'esta sala era numerosa a multidão, impedindo-me a passagem, motivo porque antes não pude aqui entrar.

— E não tem suspeita alguma de como se passaria a tragedia? perguntou o criminalista. Na minha opinião, algum d'esses cavalheiros tinha ciumes e commettien o crime por esse motivo.

«Que lhe parece?

— Não posso crê-lo... é demasiado aterrorador! exclamou ella. Não... não pôde ser...

Soluçando, cobriu o rosto com as mãos.

— Socogee, miss Berdon, disse Sherlock Holmes, com affabilidade. Talvez não seja nenhum d'esses senhores o assassino. Do que estou convencido é de que saltaram pela janella.

«Talvez o assassino estivesse occulto n'algun recanto da sala e se arrojasse contra a sua amiga, de punhal erguido, e elles, ao virem-no, saltassem para fóra, para se livrarem d'elle.

«Mas, para lhe falar com franqueza, direi que os considero culpados. Pelo menos, recaem sobre elles grandes suspeitas.

Estas palavras causaram tal effeito em Magdalena Berdon, que, não podendo conter por mais tempo o

pranto, começou a chorar tão convulsivamente que commoveu o criminalista.

Depois de ter serenado um pouco, exclamou:

«Seria horrivel para mim que se confirmassem as suas suspeitas!...

«Ter-se-ha Lord Jorge Lanstope deixado dominar por loucos ciumes? Terá querido matar-me e só por um equivoco do *travesti* terá ferido a pobre Laura?...

«Sim, creio, sim...

Fez uma pequena pausa. Em seguida, accrescentou:

— Quanto mais n'isso penso, mais verosimil isso me parece... é assim... não pôde ser de outro modo. «Jorge, porque desconfiaste de mim e sacrificaste, na tua inconcebivel desconfiança, a minha joven e estimada amiga?

— Em que relações está com o lord? perguntou Sherlock Holmes.

Dando um suspiro, a actriz respondeu:

— Lord Jorge Lanstope é... meu esposo.

E baixou os olhos.

«Ah! disse o criminalista, olhando para Magdalena Berdon, a qual, ao erguer o olhar, encontrou o de Sherlock fito com fixidez n'ella, pelo que se purpureou toda.

E foi um tanto ou quanto admirado que elle perguntou:

— E' então casada com lord Jorge Lanstope?

— Sim, respondeu ella, casámos na igreja de Santa Maria de Lisboa.

Sherlock Holmes ficou tão surprehendido com aquella declaração que não ouviu um leve ruido proveniente d'uma das janellas.

No parapeito d'essa janella apparecia d'aí a momentos o rosto de um homem, que cravou um olhar de odio no criminalista.

Este notou que a actriz de subito ficava aterrada, mas não sabia a que attribuir tal mudança.

Conheceu pelo olhar de Magdalena que a causa proviera da janella. Dirigiu-se para esta, abriu-a e, nada vendo, curvou-se instinctivamente para olhar para baixo.

Viu então uma sombra, ao que parecia um homem, que estava olhando para a janella, mas que, ao observar que apparecia gente, se afastava cautelosamente, desaparecendo d'aí a pouco por detraz d'uma esquina do edificio.

Sherlock Holmes afastou-se da janella e aproximou-se de Magdalena, que estava pallida e com fundas olheiras.

Tornou a apparecer, decorridos poucos minutos, o mysterioso semblante, fixando um olhar de expressão tão feroz na actriz que, assustada, esta desviou a vista.

D'esta vez, Sherlock Holmes deu perfeitamente pe-

la apparição da sinistra personagem, mas fingiu nada ter visto.

Aproximou-se de novo da janella, fechou-a com o maior socego e disse dissimuladamente.

—Julguei a principio que havia alguém n'esta janella, mas deve ter sido illusão.

«Agora, se me dá licença, vou-me embora, miss Berdon... queira desculpar-me, lady Lanstope...»

E, dizendo estas palavras, fez uma venia e menção de se retirar.

Ella, porém, com um gesto de supplica, fel-o parar, e dando um fundo suspiro exclamou, como se lhe custasse a falar.

—Queira esperar uns momentos, cavalheiro. Vou confiar-lhe um segredo, que encarecidamente lhe supplico não revele a ninguém. Supplico-lho pelo que mais me neste mundo.

«Se se chegasse a saber alguma coisa do que vou dizer-lhe, talvez o lord me matasse.

E, fazendo uma pausa, começou assim:

—Jorge sentia-se cheio de ciúmes, logo que começou a amar-me, ha umas oito semanas.

«A principio, não queria dar-lhes ouvidos, sem que seu pae fosse conhecedor do amor que elle me tinha.

«Sedi apoz uns dias de hesitação e disse-me então que queria casar o mais depressa possível. Não accedi aos seus desejos e disse-lhe que devíamos ter pelo menos um anno de relações, embora secretas, se elle o quizesse, mas um anno.

«Não quiz e cedi. As suas supplicas enterneceram-me. Disse-me que tinha immensas ciúmes e que seria um martyrio horrivel para elle o ter que passar um anno só me vendo de quando em quando, não podendo estar ao meu lado.

«Tudo caminhou com tanta rapidez que hontem nos casámos.

«Apenas havíamos saído da egreja e ficámos a sós quiz fazer-me jurar que eu não voltaria ao theatro e só viveria para elle.

«Neguei-me a isso.

«Tentei socegar-o como pude e como soube, mas tudo o que fiz e lhe disse foi completamente inutil.

«Pareceu-me extraordinariamente excitado, fitando-me com olhares prenhes de odio e de ameaças, dizendo-me palavras pouco tranquillizadoras.

—Repetiu hoje essas palavras?

Sim, senhor. A causa d'isso foi julgar que eu e Laura iam os disfarçar-nos de suíssa e hespanhola, sem saber como eu me havia de vestir, se d'um modo, se de outro.

«Offendeu-se ainda mais por eu lhe não ter dito coisa alguma a tal respeito.

«Talvez isso desse maior motivo aos seus ciúmes e o levasse a commetter o crime.

—Não duvide d'isso, volven Sherlock Holmes, olhando pensativamente para o chão.

Ficou silencioso durante alguns momentos. Depois, accrescentou:

—Como explica a desaparição do visconde Sallin? Tirou do bolso uma carteira e de dentro d'esta um papel.

—Eu... eu... não sei, respondeu. Não sei se o terá perseguido ou se o terá auxiliado a fugir á acção da justiça.

«Inclino-me para esta segunda hypothese. E ficou pensativa e hesitante, como se receiasse fallar.

Finalmente parecendo resolver se a dizer tudo, exclamou, olhando para o criminalista:

—E' uma grande desgraça para mim o ter a minha amiga sido gravemente ferida, mas é ainda muito maior o ter provocado, sem culpa, é verdade, o odio e animadversão de Jorge.

«Desculpe-me se me atrevo a formular um desejo, talvez extranho e audacioso, como lhe chamará, mas deve attende ás circumstancias em que me encontro...

Deitando um olhar supplicante ao criminalista, proseguiu:

—Se me pudesse arranjar um quarto n'uma casa amiga...

Apoz breve hesitação, accrescentou em tom energico:

—Não, voltarei para a minha casa de Carlesstreet. Elle deve ter seguido para a sua quinta de Lanstope... Se vier arrostarei o perigo...

«Faça o que lhe parecer, minha senhora, disse o criminalista, um tanto ou quanto receioso e pensativo. Se o desejar, a minha casa está ao seu dispor.

E mostrando o papel que pouco antes tirára da carteira accrescentou:

—Digne-se responder á pergunta que lhe vou fazer. Quem suspeita que escreveria esta carta ao pae de seu esposo, a lord Camillo Lanstope?

E leu a carta que havia recebido n'essa tarde, ao mesmo tempo que lh'a mostrava.

A carta era do seguinte theor:

«A Lord Camillo Lanstope

«Respeitavel lord

«Seu filho está n'um perigo terrivel. Mantem relações com uma mulher de theatro e medita um attentado contra ella.

«Evite seja como for esse crime, se não elle commetter o-ha, fazendo cair sobre sua familia um horrivel laheu.

«Ao que tenho ouvido, elle tenciona executar esse crime no baile de mascarar de Covent Garden.

«Um amigo de sua familia»

Magdalena Berdon leu a carta vagarosamente, devolvendo a finalmente ao criminalista, que a metheu de novo na carteira.

Sherlock Holmes chamou um empregado do salão e ordenou-lhe que fôsse ao bengaleiro buscar a capa e o abafo de Magdalena.

Cinco minutos depois, saia ella, acompanhada do criminalista, da sala onde se praticára o crime, atravessando a sala de baile no meio dos olhares curiosos de todos os que ali se encontravam.

Ao chegarem ao amplo vestibulo do theatro, esperaram ali que se approximassem a carruagem. Enquanto aguardavam, o sargento de policia avançou e disse n'um tom em que transparecia o respeito:

—Sr. Holmes, queira dar-me as suas ordens.

—Não tenho ordens a dar-lhe, sargento, replicou o criminalista sorrindo.

O sargento afastou-se, fazendo a continencia.

O nome de Holmes causára viva impressão em Magdalena Berdon, que, admirada, fitou o olhar no domini amarelo.

Elle notou a surpresa que se lia n'esse olhar e disse:

—Queira desculpar-me o ter occultado o meu nome...

A carruagem estava em frente do vestibulo. Desceram as escadas e, tendo o criminalista aberto a portinhola do trem, cumprimentou e offereceu o seu bilhete de visita a Magdalena.

O trem afastou-se em vertiginosa carreira.

Sherlock Holmes ficou immovel, e pensativo, começando d'ahi a pouco a passeiar na grande praça que fica em frente do theatro.

Um assobio tirou-o das suas meditações. Olhou para todos os lados, a fim de vêr d'onde partira esse assobio.

Antes de ter verificado o que queria, estava a seu lado um mancebo.

—Olá, Harry, disse elle ao vel-o, que noticias trazes?

—Acabo de dar uma volta pelo bairro de Victoria, respondeu o mancebo. Ha uma hora, vi dois homens, disfarçados um de hespanhol e outro de suiso, escalamem a grade de ferro do jardim do theatro e afastarem-se com todas as precauções pela rua abaixo.

«Vi que d'ahi a pouco mandavam parar uma carruagem, o hespanhol dizia umas palavras ao cocheiro, e se mettiam ambos no vehiculo.

«Este poz-se em andamento e fui atraz d'elle, o

que fez com que, minutos depois, tivesse de deitar a lingua de fóra, como um cão cansado.

«Por felicidade, encontrei, quando estava já quasi exausto de forças, uma carruagem em que me metti, ordenando ao cocheiro que seguisse a que ia na minha frente.

«Pouco depois, a carruagem perseguida parava e d'ella se apearam os dois homens.

«Fiz o mesmo.

«Estiveram parados durante alguns momentos em frente d'uma casa. Approximei-me dissimuladamente.

«Logo que cheguei proximo d'elles, ouvi o suiso dizer, tentando tranquilisar o outro:

«—Nada fizemos. Se soubesse que havia de ficar assim, nunca lhe teria proposto que me acompanhasse».

«Nada mais pude ouvir.

«Vi-os entrar no jardim da casa, que é luxuosissima.

«Ah! Esquecia-me de lhe dizer que é situada em Georges-James street e tem o numero 44.

«Pareceu-se que o suiso se recusava a entrar e que o hespanhol o incitava, pois que no fim o segurava pelo braço e lhe fallava. Por ultimo, entraram ambos.

«Esperei coisa do meia hora e como vi que não saia nedhum d'elles resolvi vir ter com o sr. Holmes.

Terminada a narrativa de Harry Taxon, do joven ajudante do celebre criminalista, dirigiu-se este, por elle acompanhado, para a grade que circumdava o jardim do theatro, encontrando d'ahi a pouco a janella da sala onde pouco antes encontrára a atriz ferida.

Tirou do bolso a sua lanterna electrica e examinou detidamente o solo, coberto d'uma ligeira camada de neve.

Com grande satisfação descobriu as pégadas dos dois homens, impressas na neve, e, tirando um papel, desenhou-as.

Mesmo debaixo da janella estava um grande punhal, manchado de sangue.

Sorriu satisfeito ao apanhal-o.

—Parece-me que esta arma é do lord...

«Talvez elle fuja, realisando e assim os desejos de Magdalena Berdon e talvez os do visconde Salin...

E occultando o punhal n'um dos bolsos, desappareceu acompanhado do joven Harry Taxon, na escuridão da noite.

CAPITULO II

O visconde Sallin, alias dr. Spencer

Na manhã seguinte, estava em frente do criminalista uma joven vestida com toda a simplicidade.

—Procure indagar nos adellos e guarda-roupas por quem foram alugados dois fatos, um de hespanhol e outro de suíço, dizia Sherlock Holmes.

—Bem. Um de hespanhol, outro de suíço, repetiu a joven.

—Como, se eu lh'os descrevesse, poderia esquecer-se de como elles são, aqui tem estes dois desenhos.

E entregou-lhe dois papeis em que se viam pintados a côres os fatos. Acrescentou:

—Vá immediatamente proceder a averiguações. Trate sobretudo de saber quem era que levava o de hespanhol e o de suíço.

«Logo que saiba alguma coisa, venha communicar-m'o ou mande-m'o por escripto.

—Sim, senhor, disse a joven.

E saiu do gabinete do criminalista.

Entrou então Harry Taxon, o joven ajudante de Sherlock Holmes.

—Approxima-te, disse o criminalista. Também ha trabalho para ti.

«Vou sair para ir á casa de saude do dr. Mackbell.

«D'ahi a minutos, sairá também, disfarçado de qualquer modo, seguirás sem o perder de vista o homem que, como sabes, me segue a todas as partes onde vou.

«Se me não seguir, irás atraz d'elle, de modo que saibamos onde é a sua morada.

—Está bem, mestre.

Momentos depois entrava de novo no gabinete Harry Taxon, disfarçado de pescador.

—Estás bem! exclamou o criminalista, sorrindo.

D'ahi a pouco Sherlock Holmes saia de casa, mettendo-se n'um trem que o esperava á porta.

Pocos minutos depois, Harry Taxon estava na rua.

Apoz um curto percurso, o criminalista chegava á casa de saude do dr. Mackbell, para onde havia sido levada a actriz ferida, e tocava a campainha.

Appareceu um velho creado que depois d'abrir a porta, fez um respeitoso cumprimento a Holmes, seu antigo conhecido.

Ao entrar, observou o que quer que fôsse que lhe despertou a attenção e, sem proferir palavra, arrancou uma folha da carteira, e escreveu algumas linhas.

—Estará alguma creada disponível?—perguntou elle ao porteiro. Se houvesse desajava que me fôsse fazer um recado.

—Sim, senhor, vou chamar uma d'ellas, respondeu o porteiro, afastando se.

Voltava d'ahi a pouco, acompanhado d'uma rapariga.

—Tenho isto para si e isto para esta menina, disse Sherlock Holmes; mettendo um shilling na mão de cada um d'ellas.

E dirigindo-se á creada e entregando-lhe um bilhete, acrescentou:

—Vá á ultima casa do Carles-street, onde móra uma joven a quem entregará este bilhete.

«Não lhe diga coisa alguma.

A creada pegou na carta e saiu a fim de fazer o recado, começando Sherlock Holmes a subir as escadas.

D'ahi a pouco estava em frente do dr. Mackbell, o afamado director e proprietario da casa de saude.

Era homem de meia idade, cabello preto, usando oculos de ouro, por detraz dos quaes se viam brilhar-lhe os olhos vivos e expressivos.

Depois de lhe ter apertado a mão cordealmente, o criminalista perguntou-lhe em tom de antigo amigo:

—Como está a nossa doente?

Muito melhor, apesar de não estar ainda livre de perigo, respondeu o medico. Examinei cuidadosamente a ferida e posso assegurar-lhe que, se o punhal tivesse penetrado mais meio centimetro, ella teria morrido instantaneamente.

«Recomendei-lhe a maior quietação e socego, e ella cumpre o que eu lhe disse.

«Tenho esperança em que, devido a isso, conseguirá triumphar da doença.

—E quanto tempo será ainda preciso para ella estar completamente livre de perigo? perguntou o criminalista.

—Uns quatorze dias, sr. Holmes, respondeu o medico, mas demorará bastante que d'aqui possa sair.

«Quando estiver na convalescença, poderá receber visitas.

Sherlock Holmes replicou com vivacidade:

—Nem agora, nem depois, doutor, dê autorisação para que algum, além da pessoal da casa, a visite.

«Bastará dizer-lhe que essa joven tem inimigos mortaes que recorrerão a todos os meios para a fazerem desaparecer.

O medico ficou surprehendido com tal revelação.

Olhou para o criminalista a disse-lhe:

—Esteja descansado, sr. Holmes, que olharei por ella como se fôsse uma filha minha.

—Obrigado, doutor.

E apertando-lhe de novo a mão, despediu-se.

Ao chegar á porta do gabinete, voltou a cabeça e perguntou ao medico:

—Tem confiança absoluta nos creados do estabelecimento? Duvida de algum d'elles?

—Esteja completamente socegado. Aqui não corre perigo algum. As encarregadas de velarem de dia e de noite essa joven são duas enfermeiras de procedimento irreprehensivel e de familia honestissima. Estão aqui não por dinheiro, mas por philantropia.

—Bem, replicou o criminalista. Até á vista doutor.

E saiu.

Preocupado por graves pensamentos, dirigiu-se a Georges-James-street, á casa em frente da qual, na noite anterior, Harry Taxon estivera á espera que saíssem os mascarados que para ali haviam entrado.

As portas estavam fechadas.

Logo que tocou a campainha appareceu o porteiro, que lhe perguntou em tom de aborrecimento o que desejava.

O criminalista metten na mão do cerbero meia libra esterlina, o que o fez immediatamente mudar de attitude.

—Está em casa o visconde Sallin? perguntou o criminalista.

—O visconde Sallin? repetiu, admirado, o porteiro.

—Esse mesmo.

—Vou vêr se está, disse o porteiro.

E fez menção de sair por uma porta proxima.

O criminalista, segurou o por um brago e disse-lhe a rir:

—Não se mexa. Quero surprehendê-lo.

«Vou pregar-lhe um susto.

«Com certeza que elle me não espera! Em tudo pensará n'este momento, menos em mim.

E dirigiu-se pela porta pela qual o porteiro tinha querido sair.

Proximo d'ali ficava a morada do intitulado visconde. Sherlock Holmes escutou á porta e, como não ouvisse ruido algum, empunhou um revolver n'uma das mãos e na outra uma gazua.

D'ahi a momentos a porta estava aberta.

Na casa não estava ninguém. Abriu com facilidade as gavetas, onde se via tudo revolvido.

Segundo todas as apparencias o tal visconde tinha abandonado a casa.

N'outro aposento proximo, encontrou a mesma desordem.

—Posso dar-me por contente, disse consigo o criminalista, por ter descoberto que o visconde não é visconde.

E começou a revistar as gavetas e tudo quanto havia nos armarios. Quasi tudo lhe tinha já passado pela vista e nada havia descoberto do que o levára ali.

Abriu simplesmente por abrir uma gaveta e ali encontrou o fato de suíço. Apesar de não ser esse o fim da sua visita, ficou satisfeittissimo com o achado.

La sair do aposento quando julgou ouvir ruido no corredor.

Com a rapidez do raio puxou pelo revolver e collocou-se proximo da porta, em attitude de expectativa.

—Pára, se não queres morrer, exclamou elle, dirigindo-se áquelle que se approximava. Se dá um passo...

Uma gargalhada foi a resposta a tal intimagação.

—Não se zangue, mestre, disse o que se approximava.

Era Harry Taxon, disfarçado com o vestuario de creada.

—Como diabo estás tu aqui? perguntou Sherlock Holmes. Dize-me primeiro que tudo, correste algum perigo?

—Não, senhor, e tive uma bella idéa, como está vendo, respondeu Harry Taxon, rindo.

—Mas porque e como vieste ter aqui? interrogou de novo o criminalista. Suspeitavas da minha vinda?

—Nem de tal me lembrei e nunca julguei que o viesse encontrar n'esta casa.

«Como não encontrei o homem que o persegue, dirigi-me ao hotel da Temperança.

«Vi-o ahi e quando elle saiu fui-o seguindo como um cão de caça segue a peça que levanta.

«Notei que, apesar de todos os esforços que elle fazia para dissimular esse defeito, coxeava da perna esquerda,

—Parece-te ser algum dos nossos antigos amigos? interrogou Sherlock Holmes com ironia.

—Sim, senhor, pareceu-me ser um d'aquelles com quem temos contas pendentes de ha um tempo para cá, retorquiu o joven ajudante. Elle seguia o seu caminho e eu não o perdia de vista.

«Finalmente, atravessei na sua pegada o Holborn Viadukt-street e viu-o entrar em casa do dr. Spencer.

Ao ouvir tal nome, Sherlock Holmes quasi que deu um salto, os olhos scintillaram-lhe, começou a esfregar as mãos de contentamento.

Era aquelle homem o mais terrivel e encarnigado inimigo do criminalista.

Um e outro eram geniaes, cada um em sua especialidade: um na escola do crime, outro na perseguição dos criminosos.

Muitas vezes havia aquelle criminoso conseguido esquivar-se á perseguição da policia ingleza, mas de todas as vezes que interviéra o criminalista, elle virase sempre obrigado a fugir de Inglaterra.

Em todas as partes onde se encontrava, o bandido era o rei dos da sua classe, devido aos roubos, assassinios e demais feitos criminosos que praticava.

Harry fizera uma pausa ao vêr a impressão que o nome do dr. Spencer causára no seu mestre e amigo. Este disse-lhe:

—Continua, meu rapaz.

—O coxo dirigiu-se, como, disse, para casa do dr. Spencer. Ficou ahí cerca de meia hora, saindo em seguida. Segui-o até aqui e vi-o fallar com o porteiro.

«Aproveitando a circumstancia da porta estar aberta, entrei e, como vê, sr. Holmes, aqui estou.

—Não tenho já duvida alguma de que o intitulado visconde Sallin não é senão o dr. Spencer; exclamou Sherlock Holmes.

E proseguiu, como se fallasse com o criminoso:

—Malvado! Chegou a tua hora, espera-te a justa-recompensa dos teus crimes!

«O bandido tem duas casas, uma em nome de Spencer, outra no de Visconde de Sallin...

CAPITULO III

Sherlock Holmes fazendo visitas

Lord Jorge Lanstope, filho de lord Camillo Lanstope, vivia n'uma propriedade sua, afastada de Londres a umas cinco horas de carruagem.

Residia ahí a maior parte do anno, gozando a paz e socego dos seus immensos bosques, dos seus frondosos jardins, das suas numerosas fontes e cascatas.

O criminalista era velho conhecido do pae de lord Jorge. Por isso, quando o velho lord recebeu a carta anonyma em que já fallamos, remetteu-a immediatamente a Sherlock Holmes.

Infelizmente, este recebeu-a tarde, quando já havia começado o baile de mascaras de Covent-Garden, e por isso não pôde impedir o attentado contra a joven actriz.

Pelos trabalhos realizados nas vinte e quatro horas decorridas depois de commetido o crime, estava Sherlock Holmes convencido de que o que havia ferido a joven não era senão o intitulado visconde Sallin, ou por outra o dr. Spencer.

Ao anoitecer, Sherlock Holmes pôz-se a caminho, acompanhado por Harry Taxon, em direcção á quinta de lord Lanstope.

Quando ahí chegaram, a noite envolvia no seu denso véu a enorme propriedade. Nos arredores não se via viva alma, tudo era quietação e silencio.

Todas as portas estavam fechadas.

O criminalista baten umas poucas de vezes. Como ninguém vinha abrir, serviu-se de uma gazuza, estando d'ahí a pouco franqueada a entrada.

Depois de entrarem, Sherlock Holmes fez funcíonar a sua lanterna electrica. Era indescriptivel o luxo da vivenda. Moveis, quadros, tudo respirava a opulencia.

A entrada do rez do chão encontravam-se formosos massivos de flores e graciosas columnas encimadas por bellas e artisticas estatuas.

No vestiario, o criminalista encontrou o chapéo e o sobretudo do lord.

Ao abrir a porta da sala contígua, ficou atterrado.

N'essa sala, illuminada com uma meia luz, via-se deitado n'um divam um mancebo vestido de hespanhol.

Pela rigidez e pela cor conheceu Sherlock Holmes que esse mancebo estava morto havia muitas horas.

Approximou-se e viu que no pavimento, proximo do morto, estava um revolver.

N'uma das fontes via-se um grande orificio; no qual estava coagulado muito sangue, que empocava no pavimento.

—O lord? perguntou Harry Taxon ao mestre.

—Sim, respondeu este. Em todo o caso, quer se tenha matado, quer tenha sido morto, é uma victima do chamado visconde Sallin.

Sherlock Holmes metteu as mãos nos bolsos do morto. A primeira coisa que encontrou foi um livro de apontamentos.

Na primeira pagina via-se em letras douradas o nome do lord.

N'outro bolso encontrou a carteira. Abriu-a immediatamente e á vista deparou-se-lhe um documento que o fez dar um grito de surpresa.

Era a certidão de casamento com Magdalena Berdon. Além d'isso, na carteira havia grande numero de notas do banco e um retrato da actriz.

Harry Taxon olhava estupefacto para o criminalista, que contemplava silenciosamente os objectos que encontrára.

Por ultimo, tirou o seu microscopio e pôz-se a examinar a ferida que o cadaver apresentava.

—E' impossivel que o lord se tenha suicidado, disse d'ahí a pouco Sherlock Holmes a Harry Taxon, que seguia com o maior interesse o que o seu mestre fazia. Uma bala disparada por uma pessoa contra si mesma não seguiria esta direcção.

Tirou da sua carteira um bocado de papel, onde estavam desenhadas as pégadas encontradas em Covent-Garden, e ajustou-o aos sapatos do fallecido.

Condiziam perfeitamente com uma das encontradas no jardim.

—Então o lord tentou matar a actriz vestida de suissa, na noite passada? perguntou o joven ajudante, Sherlock Holmes nada disse e continuou as suas averiguações como se não tivesse ouvido.

Levou a carteira do fallecido e saiu, em companhia de Harry, da casa do lord.

O joven ajudante vira n'um dado momento apparecer a uma das janellas o rosto do coxo...

O criminalista dirigiu-se para sua casa.

Ao chegar ali, a governante entregou-lhe um papel escripto pela joven Pryor, aquella que fôra encarregada de indagar quem havia alugado os fatos de hespanhol e de suizo.

Dizia assim:

«Os dois factos não foram alugados em nenhum guarda-roupa; foram feitos em casa das costureiras Ponton, que vivem em Eart-street, 121. Foram remetidos a um lord de nome Jorge Lanstope, que tem olhos azues, bigode e cabelo louros.

«Os dois vestuarios estão pagos e em casa do lord, que se encontra na sua propriedade de Lanstope. O portador do dinheiro levou-os ao comprador.»

Apesar de parecer extranho, o portador era o visconde. Assim o cria sem a menor duvida o criminalista.

No dia seguinte de manhã, Sherlock Holmes recebia entre os jornaes um cujo artigo de fundo tinha o seguinte titulo berrante:

Sherlock Holmes encobridor e ladrão de cadaveres

Era um extenso artigo, de que damos os principaes periodos:

«Se ha homens no mundo para os quaes é pouca toda a confiança que devem inspirar, são sem duvida aquelles a que se chama policia amadores.

«Entre esses homens, como astro de primeira grandeza, brilha aquelle a quem por antonomasia todos chamam o celebre criminalista, de nome Sherlock Holmes.

«Mas merece esse homem a confiança com que o distinguem? Não, mil vezes não.

«Não ha vicios que mais deslustrem do que a alcovitisse e o roubo de cadaveres, crimes que Sherlock Holmes commetteu.

»Aquelle a quem chamam inimigo dos criminosos é o maior de todos.

«Não queremos injurial-o gratuitamente, mas sim produzir provas do que affirmamos.

«Na noite de ante-hontem realison-se um concorrido e aristocratico baile de mascaras em Covent-Garden.

«Quando a alegria e animação estavam no auge, ouviu-se na sala de baile uma palavra fatidica: assassinio, assassinio!

«Espalhou-se um terror panico. Todos os que ali estavam pensavam nas pessoas amadas.

«A orchestra emmudeceu, a alegria succedeu a mais pungente angustia.

«N'uma sala contigua á de baile via-se caída no

chão e gravemente ferida a sympathica actriz Laura de Reiden.

«Entre os distinctos espectadores estava Sherlock Holmes, o qual recorreu á sua habilidade para que ninguém soubesse do que acontecera senão o que elle quizesse.

«Procurámos indagar o motivo e soubemos que Sherlock Holmes tinha conhecimento de que o auctor do assassinio era lord Jorge Lanstope, o qual lhe havia pago para o deixar fugir e nada dizer.

«E' esta a explicação do silencio de Sherlock Holmes.

«Mas não é só isto.

«Sherlock Holmes, não sabemos com que fim, foi a noite passada a casa de lord Jorge Lanstope, o qual, com remorsos do que fizera, se tinha suicidado.

«Que julgam os leitores que fez o austero criminalista?

«Não são capazes de adivinhar por maiores esforços que façam.

«Revistou os bolsos do suicida e levou a carteira d'este, a qual, sabemolo-o perfeitamente, continha em notas alguns milhares de libras esterlinas. Em seguida, fez desaparecer o cadaver...

«E' este o nosso celebre criminalista: encobridor e ladrão de cadaveres...»

Não podendo reprimir a sua colera, Sherlock Holmes deu dois muros com toda a força na secretária.

Ainda se não tinha extinto o som dos muros por elle dados, quando á entrada da porta appareceu Bell Clever, o braço direito do chefe superior da policia de Londres.

Era muito amigo do criminalista.

Ao vêr a colera que se lhe reflectia no rosto, pôz-se a rir, muito satisfeito.

—Maldita a vontade de rir que tenho! disse.

Holmes serenou, porém, e disse em tom affavel:

—Então que temos, Clever? Vem prender-me?

O interpellado riu-se ainda com mais vontade e retorquiu:

—Já vejo que o jornal lhe chegou ás mãos. Não se descuidaram em lh'o mandarem. Venho da parte do chefe consultal-o sobre o que se deve fazer: se apprehender esse jornal, se prender o seu director.

Sem parecer ouvir o que Clever lhe dizia, Sherlock Holmes começou a passear pelo gabinete, de novo indignado murmurando:

—Ladrão, eu!... Para onde terão levado o cadaver?...

—Mas, que lhe parece? perguntou o policia, vendo que o criminalista lhe não respondia.

—Primeiro que tudo, devo explicar o meu procedimento, sr. Clever, disse Sherlock Holmes, para que fique sabendo o que se passa.

«Se fui a casa do lord, o qual foi assassinado e

não, como o jornal diz, se suicidou, não tinha a mais leve suspeita de que lhe tivesse occorrido qualquer desgraça.

«E' verdade que tirei a carteira cheia de valores, não por causa d'estes, mas pelos importantes documentos que continha, os quaes quero entregar a sua familia.

«Sei muito bem quem é o auctor d'esse artigo, em que tenta desacreditar-me, mas em breve nos encontraremos frente a frente e conhecerá quem eu sou...

—Que devo dizer ao chefe? perguntou o agente.

—Aqui está a carteira, se a quer levar, respondeu o criminalista.

E estendeu-a a Bell Clever.

Este afastou-a com a mão, accentuando.

—O sr. Holmes é extremamente cortez. Que devemos fazer? Responder a esse artigo com outro artigo?

«A minha missão reduz-se a perguntar-lhe se devemos prender o redactor ou director do jornal, ou se quer uma retractação formal d'essas calumnias.

—Não se incomodem, disse Sherlock Holmes. Espero que dentro de dois dias, o mais tardar, poderei dar explicações sufficientes para anniquillar o criminoso.

«O director do jornal é o menos culpado. Recebeu alguma carta anonyma e inseriu-a no jornal sem se dar ao trabalho de proceder a averiguações.

—Bem. Direi ao meu chefe que o sr. Holmes quer por si mesmo tratar do caso e desfazer a calumnia, disse Bell Clever, fazendo menção de se afastar.

—Em breve a desfarei exclamou o criminalista.

E ficou pensativo como se de subito lhe occorrera algum pensamento grave, dizendo depois ao policia:

—Queira esperar um momento, sr. Clever. Vou comsigo. Desejo terminar um caso em que me póde prestar o seu auxilio.

E saindo do gabinete para se ir arranjar chamou Harry Taxon, a quem deu algumas instruções.

D'ahi a pouco voltou e saiu acompanhado de Bell Clever.

—Sabe onde vamos? perguntou elle logo que chegou á rua.

—O sr. Holmes o dirá, respondeu o policia, encolhendo os hombros.

—A casa do nosso commum amigo o dr. Spencer, fazendo primeiro uma outra visita.

—Que vamos fazer a casa do doutor? perguntou Clever, admirado.

—Nem eu mesmo sei o que faremos, quando ahi nos encontrarmos. O homem põe, o diabo, ou antes n'este caso, o doutor dispõe, respondeu o criminalista.

—Sr. Holmes, sr. Holmes, tenha cautela, que o doutor é uma fera e capaz de fazer dez mortes em poucos minutos.

—Falla como um livro, retorquiu Sherlock Holmes, rindo.

E em tom grave, apoz uma pequena pausa, proseguiu:

—Jurei que Londres se ha de vêr livre d'esse criminoso, custe o que custar.

«Um de nós morrerá na lucta.

E ao proferir as ultimas palavras levantou o tom e expressou-se com tal energia que claramente se demonstrava a resolução que tomára.

Metteram-se d'ahi a pouco n'um carro electrico, não tardando muito que se encontrassem defronte da casa onde vivia Magdalena Berdon.

Interrogaram o porteiro da casa, o qual lhes disse que a actriz estava no segundo andar.

Subiram, bateram á porta e d'ahi a pouco eram conduzidos á presença da joven.

Estava esta no seu luxuoso *boudoir*, ultimando a *toilette* com que realçava a sua extraordinaria formosura.

D'ahi a pouco ia receber os visitantes, n'uma luxuosa e rica sala de visitas, dando signaes da mais captivante affabilidade.

Desde que ali entrára, o criminalista examinava tudo cuidadosamente.

Apenas viu Magdalena Berdon, fixou n'ella o seu olhar penetrante.

Se ella procedera de connivencia com o intitulado visconde Sallin, conhecia-se que o criminoso escolhera uma companheira digna de si, pois ella representava tão maravilhosamente o seu papel, que apezar de Sherlock Holmes a considerar cumplice do attentado de que fôra victima a sua amiga, chegou a conceber duvidas acêrca da sua culpabilidade.

Decifrar o mysterio offerecia mais difficuldade do que se podia julgar á primeira vista.

O plano do criminoso tinha sido estudado com toda a minuciosidade.

Devido á carta enviada a lord Camillo, não só este mas todos os que conhecessem o seu conteúdo acreditariam que o assassino de Laura não podia ser outro senão lord Jorge, apezar, de ter sido outra aquella a quem elle ferira por equivoco, incitado pelos ciúmes.

Nada mais natural que, ao julgar a esposa morta por elle, o invadissem uma tristeza immensa ao pensar em que tinha assassinado o seu amor, resolvendo, por isso, pôr termo á vida, cheio de desespero.

Por fatalidade para o criminoso, interpozera-se-lhe no caminho um homem habituado a descobrir todos os planos dos malfeteiros e Sherlock Holmes seguia-o passo a passo, sem se deixar illudir por apparencias.

Era indubitavel que Magdalena Berdon casára com o lord, como o testemunhava a certidão de casamento encontrada na carteira do assassinado, certidão de cuja

authenticidade o criminalista não duvidou um unico momento.

Magdalena Berdon apresentou-se pallida, passos vacillantes, fundas olheiras, como se soffresse muitissimo.

O criminalista, depois de a cumprimentar, disse-lhe:

—Quasi me não atrevo a communicar-lhe uma nova desgraça...

E fitando-a, como se receasse augmentar-lhe a sua dôr, accrescentou em tom compassivo:

—Seu esposo, lord Jorge, suicidou-se!...

A actriz deixou-se cair n'uma poltrona, decaindo-lhe a cabeça como que vergando ao peso do golpe que acabava de receber.

Sobre uma secretária ponde Sherlock Holmes vêr um exemplar do jornal em que vinha o artigo injurioso para elle.

—Ah! Como vein aqui parar este pasquim? perguntou o criminalista, sem se poder conter.

Magdalena ficou de subito immovel, como se se não recordasse bem, respondendo ao fim de um momento:

—A creada trouxe-me ha cerca de uma hora este jornal, que encontrei debaixo da porta.

—Mudemos de assumpto, disse o criminalista. Vendo da casa de saude do dr. Mackbell e tenho o prazer de lhe communicar que a sua amiga está melhor e que o medico tem esperanza de que ella consiga restabelecer-se.

«Amanhã irei de novo visital-a...

Interrompeu-se Sherlock Holmes ao vêr que Magdalena Berdon rangia os dentes, se segurava com força aos braços da poltrona e revelava em todo o ser um alto grau de excitação.

—O que tem, minha senhora?

—A angustia... a afflicção... os nervos... Deve comprehender a causa, sr. Holmes, respondeu ella, soltando um fundo suspiro.

—Soegue, minha senhora, porque em breve verá a sua amiga, retorquiu o criminalista, fitando fixamente o rosto da formosa artista.

E, levantando-se para sair, accrescentou:

—Tente distrahir-se dos seus negros pensamentos e encontrar consolação, senão pode cair doente.

«Antes de sair, porém, dê-me licença que lhe faça uma pergunta.

«Creio que a sua creada de quarto conhece o visconde Sallin e lord Jorge Lanstone, seu esposo, tão prematuramente roubado ao seu amor.

«Permittirá que ella vá a minha casa, d'aqui a sete horas, pois desejo fazer-lhe algumas perguntas?

—Não tenho inconveniente algum em conceder tal permisso, respondeu a actriz com a maior amabilidade e deitando a Sherlock Holmes um olhar seductor como querendo captival-o. Mas duvido de que ella

possa responder ás suas perguntas, porque ha apenas um dia que está ao meu serviço. A antiga creada despedi a hontem, porque me roubava. Não quiz entregar a a policia, porque com as suas lagrimas e supplicas me inspirou compaixão.

—Muito obrigado pela sua graciosa concessão.

E á queima roupa:

—Conhece o dr. Spencer?

—Nunca ouvi semelhante nome, respondeu com a maior tranquillidade a actriz, encolhendo os hombros.

Os dois visitantes saíram, acompanhando-os a formosa joven até á porta com requintes de amabilidade.

Logo que chegaram á rua, Sherlock Holmes perguntou a Bell Clever:

—Sabe o que n'este momento está a fazer a inconsolavel e desolada viuva?

—Como diabo o hei de saber? exclamou o policia apoz um momento de reflexão.

—A formosa actriz dirigiu-se ao telephone apenas nós saímos, e começou a fallar com alguem. E para me certificar de que me não enganou vou agora mesmo á estação central telefonica.

«Desculpe-me o deixal-o só durante uns momentos, mas se precisar de me fallar sabe onde me encontra.

E, sem esperar resposta, metteu-se n'um automovel que passava vazio e que em poucos minutos o deixou em frente da estação central.

Depois d'ahi terminar as suas averiguações saiu e encontrou Bell passeiando na praça que ficava em frente do edificio.

—O que ha? perguntou lhe Clever apenas o viu.

—Agora não tenho já duvidas de que a mentirosa actriz telefonou para o dr. Spencer, respondeu o criminalista com ar triumphante.

—Ao dr. Spencer? repetiu, admirado, o agente.

—Não é só isso. Pude escrever algumas das palavras soltas que apanhei, accrescentou Sherlock Holmes.

E tirou um papel do bolso, dando-o a Clever.

Accenando com a cabeça, por não comprehender a significação completa das palavras, leu este, o seguinte:

«Esteve... Se ladra o cão... O meu chapéu está mau... Quem te ameaça?... O perigo é imminente...»

—Leu? perguntou o criminalista, a rir, passados momentos. E' de admirar que essa senhora queira comprar um chapéu se o cão ladrar...

—Parece-me que está a gracejar muito satisfeito, sr. Holmes, exclamou Bell Clever admirado, ao mesmo tempo que devolia o papel.

—E razão de mais tenho para isso. A descoberta que acabo de fazer das mysteriosas e secretas relações que ha entre o criminoso dr. Spencer e a actriz

vale um Potosi, tem uma importancia extraordinaria.

E, fazendo menção de se afastar:

— Adeus, até mais ver.

— Onde vae, sr. Holmes? perguntou o policia com interesse. Se me dá licença, vou comsigo.

— Pois onde quer que eu vá senão visitar o meu sympathico amigo dr. Spencer? respondeu o criminalista, com um sorriso de satisfação. Se quer, venha commigo.

CAPITULO IV

Preso que foge

O dr. Spencer vivia na parte oriental de Londres, n'uma casa socegada e solitaria.

Passava por ser um sabio cuja unica affeição consistia no estudo da chimica.

No entanto, a policia recebera repetidas denuncias, segundo as quaes o doutor era um fabricante de bombas, um moedeiro falso, e o seu laboratorio um arsenal onde se occultavam todas as drogas e ingredientes que o crime inventou para a destruição dos seus semelhantes, e um armazem receptor de innumeraveis roubos perpetrados pelos gatunos de Londres.

Em virtude de taes denuncias, á casa do dr. Spencer tinham sido passadas diversas buscas, mas sempre sem resultado satisfatorio para a policia.

Sherlock Holmes não duvidava, porém, da existencia de objectos occultos no laboratorio e de que ao serviço do doutor, havia grande numero de criminosos.

O sabio chimico era sympathico, novo, esbelto e attrahente, tinha o olhar scintillante e a sua conversação era agradável e espirituosa. N'uma palayra, era um homem verdadeiramente seductor.

Ao chegarem á porta da casa do doutor, Sherlock Holmes despediu-se de Bell Clever e tocou a campainha da porta da grade do jardim.

Apareceu um creado bem posto, mas de olhar e rosto suspeitos, que, dirigindo-se ao visitante, perguntou:

— Que deseja?

— Falar ao dr. Spencer.

Sem proferir palavra, o creado abriu a porta, accompanhou o celebre criminalista até á sala de visitas, onde o deixou só.

— Este doutor emprega gente bem reservada, murmurou Sherlock Holmes quando o creado se afastou. Assim, não ha medo de que o atraçõem.

Pouco depois, ouvia a voz de um homem dizer:

— Se Holmes vem sózinho, dizê-lhe que entre.

Poucos minutos depois, o grande criminalista estava em presença do seu inimigo.

— Desculpe-me não o ter ido receber, mas tenho um creado tão estúpido que me não annunciou a sua visita senão quando o senhor já estava no meu gabinete de trabalho, disse o dr. Spencer como que desculpendo-se.

E convidou com a maior cortezia o criminalista a sentar-se, convite que este a principio recusou, mas que no fim de alguma insistencia acceptou.

Ao sentar-se, não passou despercebido a Sherlock Holmes que o elegante e sympathico doutor occultava na manga do casaco um revolver, emquanto sorria com a maior affabilidade.

Depois de se sentar, o criminalista exclamou:

— Para si, dr. Spencer, todos os dias devem ser alegres e risonhos.

— Creio que ao sr. Holmes deve succeder a mesma coisa, respondeu o doutor.

E fez um rapido movimento com a mão, acrescentando:

— Desculpar-me ha se eu...

— Nada desculpo, replicou Sherlock Holmes com energia. O braço quieto, se não...

E com a rapidez do raio puxou pelo revolver, apontando á cabeça de Spencer.

— Os braços para baixo, ordenou elle.

— Isso não! replicou o doutor, olhando furioso para o criminalista e em tom de despeito e de colera. Que é que quer de mim?

«Vem vexar-me e insultar-me, procedendo contra a lei, que consigna a inviolabilidade do domicilio.

— Basta de tanto fallar em vexames e coisas quejandas, e cale-se! ordenou o criminalista em tom enérgico.

Fez uma pequena pausa, apoz a qual accrescentou:

— Basta de comedia e de comediantes. Correu-se o panno e terminou o seu papel de visconde de Salin.

O dr. Spencer olhou, muito admirado, para Sherlock Holmes, dizendo em tom em que transparecia uma grande ingenuidade:

— Mas que está a dizer, sr. Holmes? A quem é que se refere? Ha seis semanas que não saio de casa, pois tenho estado doente.

«Os meus dois creados pôdem dizer-lhe se isto é ou não verdade.

«Tenha paciencia e tudo...

— Deixe-se de embustes e não pretenda distrahir-me, replicou o criminalista, approximando o revolver da cabeça do doutor.

Este fôra, lentamente, quasi imperceptivelmente,

aproximando uma das mãos d'um botão electrico que se via em cima da mesa.

O criminalista continuou:

—Os dois creados representem o seu papel, como senhor o representa.

«Levante-se e approxime-se da janella, sem mover os braços, porque, se não...

O doutor obedeceu immediatamente, enquanto Sherlock Holmes, sempre com o revolver apontado, se approximava da janella que abriu.

Com um signal, mostrou ao doutor um homem que na rua passeiava de um lado para o outro, ao passo que um pouco mais distante se viam alguns agentes de policia formados.

—Conhece Bell Clever? perguntou Sherlock Holmes.

Spencer não respondeu.

—Muito bem, isso quer dizer que sim. Ha perto de um quarto de hora que estou aqui e não posso perder mais tempo.

«Em breves palavras, responda-me sem rodeios ao que vou perguntar-lhe, se não será immediatamente preso e, se quizer resistir, está ali aquella força para me auxiliar.

Ao proferir estas palavras, deitou as mãos aos braços de Spencer, fazendo com que caísse no chão a arma que este tinha occulta na manga.

Vendo o inimigo desarmado, disse:

—Agora já podemos fallar sem tantos rodeios e sem recear as suas ameaças. Diga-me com toda a clareza: quem foi que tramou o assassinio de Laura de Reiden?

—Não sei ao que se refere.

—Foi o senhor mesmo, confesse, exclamou o criminalista, olhando fitamente para Spencer.

Este deixou-se cair n'uma cadeira, dando signaes de cansaço.

—Levante-se d'essa cadeira e sente-se n'esta, ordenou Sherlock Holmes, apontando para outra cadeira.

—Tenciona incommodar-me em tudo? replicou Spencer em tom de indignação, mas levantando-se como lhe era ordenado.

O criminalista respondeu, sorrindo.

—Não, doutor, o que quero apenas é que não chame auxilio.

Depois de Spencer se ter sentado na cadeira que lhe era indicada, Sherlock Holmes tirou rapidamente do bolso a carteira e d'esta uma das folhas de papel em que estavam desenhadas as pégadas encontradas na neve no jardim de Convent-Garden.

Depois de ordenar a Spencer que se levantasse, mandou lhe assentar o pé em cima da folha de papel. Ajustava-se perfeitamente.

O criminalista pôz se a rir, dizendo em seguida:

—D'esta vez, não se saiu bem da comedia. Este desenho ajusta-se perfeitamente com o seu pé.

«Cria que o intitulado visconde Sallin que assistiu ao baile de mascarar de Convent-Garden é nem mais nem menos que o dr. Spencer.

—Muito bem... Sherlock Holmes... O senhor é o vencedor, exclamou elle.

Apoz uma pequena pausa, accrescentou:

—Mas...

—Mas? perguntou o criminalista, sentindo n'esse momento a impressão de que o chão lhe faltava de baixo dos pés.

Em dois saltos enormes, o criminoso chegára a janella aberta e saltára para o jardim que circundava a casa.

Apenas se ouviu uma gargalhada de zombaria e de triumpho.

Sherlock Holmes approximou-se da janella e fez um signal a Bell Clever.

Segundos depois, os policias entravam na casa e passavam-lhe minuciosa revista, assim como aos jardins.

Não se encontrou ninguém.

Até o proprio creado que abrira a porta ao criminalista tinha desaparecido.

Vendo que todos os esforços eram inuteis, Sherlock Holmes disse:

—E' evidente que o passaro levantou vôo, sr. Clever. Vou sair e seguir outra pista.

«Nada se perde, mas como convem que aqui fique alguem de vigia, permita-me que lhe aconselhe que deixe meia duzia de agentes para o caso, pouco provavel aliaz, de voltar o doutor.

«E' preciso estar sempre prevenido para receber a visita de tão distincto cavalheiro.

E despediu-se de Clever, dirigindo-se apressadamente para sua casa, onde o esperava Harry Taxon com importantes noticias.

Estivera ali o dr. Mackbell para lhe communicar que na noite anterior um homem pretendia entrar na casa de saude, escalando o edificio pelas trazeiras.

A enfermeira que estava junto de Laura de Reiden, assustada com o ruido que ouvira na janella, olhára para o sitio d'onde o ruido partia e distinguira por detraz dos vidros o rosto de um homem.

Aterrada, clamára por soccorro, acudindo o dr. Mackbell, que, abrindo a janella, disparára dois tiros contra uma sombra que fugia e em que devia ter acertado, a avaliar pelas nodosas de sangue que haviam sido encontradas no jardim.

E o director da casa de saude accrescentára que Laura fóra mudada para outro quarto, onde ninguém a podia incommodar.

—Esse criminoso é uma fera, exclamou o criminalista quando Harry concluiu a sua narrativa.

E accrescentou:

—Vae immediatamente a casa de Magdalena Berdon e vê se consegues prendel-a.

—E' coisa facil.

—Talvez não seja. Trata de ver que te não fuja.

Eu parto agora mesmo para a propriedade de lord Lanstope e não estarei de volta antes do anoitecer.

«Se vires que ás seis horas não estou aqui vae immediatamente procurar-me.

—Está bem, mestre, exclamou o joven ajudante, todo satisfeito.

Emquanto Sherlock Holmes saia de casa em direcção á propriedade de lord Jorge Lanstope, Harry Taxon preparava-se para cumprir a ordem que lhe fôra dada pelo mestre.

Um quarto de hora depois, o joven seguia para Carles-street, onde, como sabemos, morava a actriz Magdalena Berdon.

CAPITULO V

O encontro no «moinho vermelho»

Ao dirigir-se para a propriedade do lord, Sherlock Holmes encontrou o cadaver de um homem.

—Quem será? perguntou a si mesmo.

E apressou o passo em direcção á quinta.

Ia ali entrar, quando parou de subito. Acabava de avistar á entrada da casa o rosto de um homem, que, sem duvida, o tinha tambem visto a elle, e que desapparecia pela porta.

Tal descoberta fez reflectir o criminalista.

Como era impossivel passar revista a toda a casa para o encontrar, deliberou esperar á entrada do jardim, occulto por detraz d'umas arvores, que o desconhecido saísse, sem que o visse.

O tempo decorreu e não apparecia sêr algum humano.

Cansado de esperar, resolveu abrir a porta e penetrar na casa.

Por mais que procurasse, nada encontrou. O que observou é que já ali se não encontrava o cadaver do lord, o que de resto o não surpreendeu, pois, pelo artigo do jornal, já sabia que o cadaver tinha desapparecido.

Demorára-se cerca de meia hora dentro de casa, sem obter resultado algum.

Quando saiu, notou que em frente da casa se viam os signaes das rodas de uma carruagem, que parecia

ter-se dirigido pelo mesmo caminho por onde elle tinha vindo.

—Não me admiraria nada se, seguindo estes signaes, encontrasse o logar onde está escondido o cadaver, murmurou Sherlock Holmes comsigo.

E tornou a entrar na casa para a revistar, a fim de encontrar alguma coisa que o elucidasse sobre o desapparecimento do cadaver.

Subiu a escada e entrou no aposento onde estivera na noite anterior. A não ser a falta do cadaver, tudo estava exactamente como na vespera.

De subito ouviu-se um ruido como que de passos que se dirigiam precipitadamente para a porta.

—O que será? perguntou a si mesmo o criminalista.

Approximou-se da escada, podendo distinguir perfeitamente o motivo do ruido que ouvia.

Eram realmente passos, ouvindo-se em seguida o barulho de uma porta que se fechava com violencia.

Era nos subterraneos.

Esperou uns minutos e dirigiu-se com a maior cautela para ali.

Encontrou a porta sem difficuldade alguma. Abriu-a devagarinho e começou a descer com precaução a escada de ferro que conduzia ao subterraneo.

Logo que abria a porta, ouvia mais distinctamente o ruido dos passos em baixo, reforçado pelo que o echo produzia.

Seguiu a pista como o bom cão de caça segue a preza, notando pouco depois que se abria a porta de um aposento e assomava o rosto de um homem.

Era o coxo que espreitava. Ouvira, sem duvida, ruido.

O criminalista dirigiu-se para esse aposento, de revolver em punho, resolvido a prender o criminoso.

Abrindo a porta de subito, Sherlock Holmes entrou, encontrando, porém, não um homem, mas dois. Antes que pudesse fazer o que quer que fôsse, recebia uma terrivel pancada na cabeça, vindo que sobre elle se precipitavam quatro homens.

Momentos depois, estava desmaiado.

Não devia ter estado muito tempo assim, pois quando voltou a si encontrava-se ainda ali, onde recebera a pancada.

Em roda d'elle estavam os quatro bandidos.

Dois pegaram n'elle e começaram a subir as escadas.

E começaram a dirigir-lhe chufas e zombarias.

—Se o gato não tivesse descido, não nos veriamos na precisão de termos de o subir, dizia um.

—Coxo, exclamava outro, não te parece que este homem foi muito estúpido?

—Parecia uma menina indefeza quando se nos entregou!

—Bello murro o que fez com que caísse o valen-

tão, accrescentava aquelle a quem chamavam o coxo.

—O fardo é muito pesado, teremos que alugar uma carroça para o levarmos, pois parece que é chumbo, disse um dos que o levavam.

A' porta de casa esperava-os uma carruagem fechada.

Os bandidos metteram n'ella o criminalista, subindo para junto d'elle dois, enquanto os outros dois subiam para a boieira.

No firmamento scintillavam já as estrellas.

Apenas a carruagem, que o criminalista julgou se dirigia para o Tamisa, se pôz em movimento, saltou d'entre as arvores, onde se tinha occultado Harry Taxon.

Escondera-se ali ao ouvir grande ruido na casa e seguiu a carruagem, tomando por atalhos cobertos de arvores, a fim de que o não vissem.

Cumprira á risca as ordens que Sherlock Holmes lhe dera.

Fôra primeiro a casa da actriz, Magdalena Berdon, mas chegára tarde.

O porteiro disse-lhe que ella havia saído, em traje de viagem, acompanhada de uma joven, provavelmente a sua creada de quarto.

Na estação do caminho de ferro, soubera que ella comprára bilhete para a estação de Lanstope.

Resolveu não a perseguir e voltar para casa, visto que ella ia já a caminho de Lanstope.

Como anoitcesse sem o criminalista apparecer, resolveu ir procurar o, seguindo assim as instrucções que recebera.

La deveras despreoccupado, sem suspeitar de coisa alguma, quando lhe despertou a attenção a presenca de uma carruagem n'aquella solidão.

D'aí a pouco ouvia ruido dentro de casa.

Resolveu occultar-se por detraz de umas arvores e esperar.

Decorrido um quarto de hora, viu sair de casa quatro homens, dois dos quaes levavam amarrado um outro, em quem Harry Taxon julgou reconhecer o seu mestre.

Pouco depois punha-se em movimento o vehiculo, com tal lentidão que o ponde seguir sem esforço, occultando-se por detraz das arvores que corriam ao longo das margens da estrada.

O mancebo sentia-se fundamente pezaroso.

Durante o caminho não deixou de fazer planos, que ia pouco de parte um apoz outro, á medida que os ia formando, por os julgar irrealisaveis ou absurdos.

Havia pensado, a principio, em fazer elle só frente aos quatro homens e morrer na refrega se não saísse victorioso. Julgou depois que o mais acertado seria ir á cidade e dar aviso á policia para que fosse prestado auxilio ao celebre criminalista e os quatro bandidos fossem presos.

Finalmente, pensou que o melhor seria continuar a seguir a carruagem, ir onde esta fosse e se encontrasse alguém avisal-o para que fosse participar o que se dava á policia.

Mas, infelizmente, não se via viva alma.

A pouca distancia d'ali terminava o arvoredo, começando um stalho que conduzia a um moinho mal afamado nos arredores e para o qual se dirigia a carruagem em que ia Sherlock Holmes.

—Ao moinho vermelho exclamou Harry Taxon, aterrado.

O moinho vermelho era tão temido dos londrinos como dos peixes.

Havia annos que o occupava um velho pescador chamado Jonathas, homem de pessimos antecedentes.

Devido á vida solitaria, ao horror do local e á má fama do velho, o povo contava mil absurdas lendas em que figurava esse moinho.

Acreditava-se que tinha communicação com o inferno e que ali apparecia em certas noites o biabo, a fim de dar ao velho as ordens necessarias para o que devia fazer contra os homens honrados.

Nas aguas proximas do moinho appareciam, dizia uma d'essas lendas, muitas sereias que attrahiam com o seu canto os viandantes desprevenidos, devorando os sem nada lhes poder valer.

Não é, pois, de extranhar que ao vêr Harry Taxon que era para esse moinho que Sherlock Holmes era conduzido á mente lhe occurressem lugubres ideias.

Certo é que não acreditava em taes contos, mas do que não duvidava era de que o velho era um bandido e que, a não ser um acaso providencial, o moinho seria o sepulchro do seu mestre e amigo.

Ao chegar á distancia de algumas centenas de metros do moinho, Harry encontrou uma cabana que era, sem duvida, um abrigo de pescadores.

Entrou ahi, resolveido a observar tudo o que se passasse, pulsando-lhe com força o coração com receio de ter sido descoberto ao penetrar ali.

Nesse momento, a carruagem parou e da boieira apeou-se um dos criminosos, que bateu levemente á porta do moinho.

Apenas esta foi aberta, dois bandidos agarraram no criminalista e levaram-no para o interior.

Um velho, a avaliar pelo andar um tanto hesitante e corpo curvado, subiu para a boieira e guiou o carro para a cabana onde Harry se occultára.

Era impossivel fugir, pois o velho tel-o-hia descoberto.

Para felicidade sua, Harry viu a um canto uma camisa estendida e resolveu esconder-se por detraz d'ella.

Ainda antes de se occultar, notou que o velho estava a dois passos da porta. O terror fez-lhe gelar o sangue nas veias.

Exactamente no momento em que o velho pene-

trava na cabana, occultava-se Harry Taxon completamente.

O velho devia ter ouvido qualquer ruído, pois accendeu um phospho, olhando attentamente para todos os lados, chegando a estar a um passo apenas de Harry.

Este julgou-se perdido irremediavelmente e resolveu arrojar-se sobre o velho. Mas conteve-se, ao pensar em que os gritos d'este podiam chamar a attenção dos bandidos, os quaes, com receio de que fôsse a policia que os perseguia, assassinariam o criminalista.

O velho afastou-se.

Harry Taxon deu um suspiro de allivio e distendeu os membros até ali encolhidos.

O velho dirigiu-se para uma cavallariça não longe da cabana e deixou ali carruagem e cavallos.

Era occasião de pensar no plano que devia pôr em pratica.

Deitou a cabeça pela abertura da porta da cabana e viu o velho afastar-se e desaparecer dentro em pouco no *moinho vermelho*.

Havia meia hora que reflectia e observava o moinho suspeito quando viu que d'elle se approximavam os passos de um homem mascarado, que batia devagarinho á porta e entrava d'ahi a pouco.

—Apostaria a cabeça, sem receio de a perder, em como aquelle mascarado não é senão o homem disfarçado em hespanhol, murmurou Harry Taxon.

Desde aquelle esperon que os acontecimentos se precipitassem.

E não se enganou.

Pouco demorou que a porta fôsse de novo aberta, apparecendo o mascarado, seguido pelos quatro bandidos e pelo velho.

Pela attitude, o mascarado parecia ser o chefe do bando.

O velho disse algumas palavras ao chefe, que se dirigiu, seguido por aquelle para a cavallariça onde estavam cavallos e carruagem.

Mas antes de alli chegar, o chefe parou, imitando o os bandidos, enquanto o velho avançava, trazendo d'ahi a pouco o vehiculo.

Subiram todos, seguindo os cavallos em vertiginosa carreira.

Quando Harry viu que iam já longe os seus inimigos, approximou-se do moinho, tirou a gazeta e abriu a porta com a habilidade que havia aprendido com o criminalista.

Como a entrada era muito escura, fez funcionar a sua lanterna electrica, o que lhe permittiu avançar no moinho vervelho.

Em breve encontrou uma segunda porta que abriu, deparando se-lhe á vista um aposento tendo por unica mobilia uma cama e uma arca.

A um canto via-se um grande buraco.

—Talvez aqui tenham mettido o meu mestre, disse elle consigo, approximando-se do recanto do quarto.

N'esse momento ouviu approximar-se a carruagem em que pouco antes os bandidos tinham seguido.

Ficou angustiado. Se dentro de poucos minutos não encontrasse Sherlock Holmes, tudo estaria perdido.

Tinha, é facto, um revolver para se defender, mas se succumbisse na lucta ou o fizessem prisioneiro, quem viria procurar e salvar o grande criminalista?

Tentou esconder-se debaixo da cama e, tendo ajealhado para esse fim, viu um par de ferros que com certeza serviam para mais alguma coisa do que para segurar a cama.

Olhou com attenção para a parede e distinguiu n'ella um ponto branco.

Era um botão electrico.

Fez pressão sobre elle, abrindo-se o chão immediatamente e caindo a cama a uns quatro metros de fundura.

Pelas paredes, julgou Harry Taxon que se encontrava nos subterraneos do moinho vermelho.

Estavam completamente vazios.

Uma voz intima dizia ao joven que devia existir ali algum mysterioso mechanismo, por meio do qual encontraria o que desejava.

D'ahi a pouco encontrava realmente esse mechanismo, proximo da cama em que descera. Desceu a um segundo subterraneo, no qual se via muita agua.

Ao vêr aquillo, soltou um grito de admiração. Aquelle subterraneo servia de carcere aos inimigos que eram entregues ao velho.

CAPITULO VI

No aquario dos assassinos

Ao encontrar-se no *moinho vermelho*, Sherlock Holmes não suspeitou onde estava.

Só o percebeu quando viu o rosto do velho Jonathas.

Mas que podia elle fazer?

Tinha os braços e pés amarrados e não podia quasi mexer-se.

Os bandidos puzeram-no em cima da cama e desceram no para o primeiro subterraneo e d'ahi para o segundo.

Sherlock Holmes ficou estupefacto quando, affeitos os olhos á escuridão, viu que estava cercado de agua e ouviu o ruído que esta produzia ao cair.

Na sua frente estavam os malfeteiros que haviam descido com uma escada, levando um d'elles uma lanterna.

Um dos bandidos disse a um dos companheiros:

—E' tempo que morra este homem, que tantos desgostos nos tem causado. Creio que d'aqui a poucas horas a corrente da agua augmentará e então morrerá afogado.

—Admira-me a fleugma d'este patife. Nem agora, que está a dois passos da morte, perde o socego, replicou outro.

—Mas não demorará que o perca e comece a gritar quando vir o perigo em que está, disse o coxo, a rir. Saberá então em que hotel se hospedou.

«Traz a lanterna, Clim.

E illuminou o resto do criminalista, dando sonoras gargalhadas.

Devido a essa luz, ponde Sherlock Holmes vêr o horrivel logar onde se encontrava.

Das paredes escorria agua com abundancia.

Pouco depois afastavam-se os bandidos e dirigiam-se, desaparecendo immediatamente, para um aposento proximo, onde se encontravam dois homens meio deitados e duas mulheres não longe d'elles, parecendo estarem todos embriagados.

Dahi a pouco o criminalista sabia que se encontrava no aquario dos assassinos, traficantes de cadaveres, que vendiam como se fossem de pessoas afogadas casualmente ou suicidas.

Era um negocio que não deixava de lhes render bastante dinheiro, pois vendiam cadaveres por cem libras esterlinas e ás vezes mais.

Sherlock Holmes dirigiu o seu olhar para esses dois pares de criminosos.

Não tardou que ouvisse um ruido por cima da cabeça e, tendo olhado para o sitio d'onde esse ruido provinha, viu descer pela escada um homem mascarado.

Olhou-o fixamente.

—Conhece-me, Sherlock Holmes? perguntou o recém-chegado.

—Só pôde ser o dr. Spencer, respondeu o criminalista.

—Não se engana, disse o mascarado, rindo, sou eu. Deve adivinhar que está proxima a hora do seu funeral, o qual deve ser muito pobre.

«Desejo ter o gosto de lhe perguntar que genero de morte escolhe.

—Morrer por morrer, tanto se me dá morrer afogado, como varado por uma bala, respondeu o criminalista socegradamente.

—E' caso raro que tanto se lhe dê uma morte como outra, replicou o doutor.

Fez uma pequena pausa, continuando depois:

—Mudemos de assumpto. Tenho o prazer de lhe participar que dentro em pouco serei o esposo da viuva de lord Lanstope, devendo, portanto, vir a ser também o proprietario da fortuna do fallecido lord.

«Como vê, os meus planos não são muito maus.

—E' pena que só tão tarde m'os dê a conhecer, volveu Sherlock Holmes, rindo.

—A culpa não é minha se se encontra em tal situação. Quiz empregar contra mim processos não só violentos, mas também injustos.

«Por isso, ordenei que o prendessem e o trouxessem onde agora está.

«Digo-lhe sob palavra de honra...

—Palavra de honra? exclamou o grande criminalista, rindo. Creio que os criminosos não tem honra; nem coisa que com isso se pareça.

—Pois apesar de o pôr em duvida, torno a repetir que, sob palavra de honra, o porei em liberdade logo que me prometta que me não tornará a perseguir nem pessoalmente, nem fazendo declarações para mim compromettedoras.

«A sua palavra, sr. Holmes, será para mim de maior importancia e valor que mil juramentos d'outro qualquer.

«Amanhã voltarei aqui para saber o que resolveu.

«Agora, vou pôr-me a caminho da propriedade de Lanstope em companhia de minha futura esposa, a qual me apresentará ao velho lord como seu parente. Assim, asseguro melhor o exito dos meus planos.

«Como está morto o joven lord...

—O doutor bem sabe, atalhou Sherlock Holmes, que o lord não morreu, mas que está vivo. Se eu me livrasse da morte, obrigal-o-hia a dizer-me onde o metteram os seus criminosos agentes.

E, ao dizer isto, o criminalista fixou a vista em Spencer, adquirindo a convicção de que não se enganava no que acabava de afirmar.

Como Spencer tinha a certeza de que Sherlock Holmes não se comprometteria a não o perseguir e que, portanto, morreria infallivelmente, não achou inconveniente em lhe contar desde o principio tudo quanto succedera.

Ficou durante um momento pensativo. Em seguida disse:

—Conheci Magdalena ha coisa de um anno e ha umas oito semanas que o meu affecto por ella augmentou de um modo extraordinario.

«Eramos novos, formosos e o resto, que facilmente supportará, sr. Holmes.

«Laura de Reiden, a formosa allemã, tinha relações com lord Lanstope, que a amava cegamente.

«Concebemos, Magdalena e eu, um plano para nos desfazermos dos dois e apanhar a herança do lord.

«Apresentei-me em sua casa como se fosse o visconde Sallin, travando dahi a pouco com elle intima amizade.

«Vinte dias antes do baile de mascaras propuz-lhe, e elle acceitou, mascararmos-nos.

«Todo o meu plano assentava n'esse baile.

«Tres dias antes, visitei o lord e aproveitando os

serviços de um creado da casa, que se me vendeu, fiz desaparecer lord Jorge, substituindo-o por esse creado, que com elle tinha extraordinaria pareença.

«Disse-lhe que durante uns dias elle procederá como se fôsse lord Jorge, prometendo-lhe, para representar tal comedia, duas mil libras esterlinas.

«Euscuso é dizer que elle accceitou, muito satisfeito.

«Um dia antes do baile de mascaras foi o fingido lord á egreja e casou com Magdalena Berdon.

«Durante tres dias o supposto lord não appareceu a Laura de Reiden; apenas accedeu a ir com ella ao baile, mas sem tirar a mascara.

«Laura não sabia da comedia do casamento, que foi secreto e á porta fechada.

«Como eu não o informára da minha intenção de matar Laura de Reiden, quando viu que dava uma punhalada na actriz, precipitou-se sobre mim para a defender, mas dei-lhe um formidavel murro na cabeça, aturdindo-o.

«Agarrei n'elle e dei-tei-o pela janella, saltando em seguida para fóra.

«Andou commigo durante muito tempo como que atordado e um tanto vacillante por vezes, até que nos mettemos n'uma carruagem.

«Quando chegámos á propriedade de lord Lanstope, agarrei-o e metti-lhe uma bala na cabeça, puz-lhe a carteira do lord no bolso e o revolver ao pé, para que julgassem que se tinha suicidado.

«Fui eu que escrevi a carta a lord Camillo, para que melhor se acreditasse no assassínio de Laura por ciúmes, occasionado por um equivoco.

«Agora, falta-nos matar Laura, que, ao que soube, está melhor.

«Sabe já tudo, sr. Holmes.

E accrescentou em tom zombeteiro:

—Póde proceder.

—Agradeço-lhe cordalmente as suas informações, replicou o grande criminalista no mesmo tom. E' um genio, dr. Spencer.

«Na realidade, sei bastante do que desejava saber, apesar de que, para fallar verdade, já suspeitava de muitas das coisas que me contou.

«Muito desejava saber onde está o lord!

«Só me falta reacquirir a liberdade para o prender, ao senhor, e libertar o pobre Jorge Lanstope.

—Contentar-se-ha com o desejo, replicou Spencer zombeteiramente. Não tenho inconveniente algum, no emtanto, em lhe dizer onde se encontra o lord: é um pensionista do manicómio do dr. Douglas.

«Se por ventura não fôr auxiliado, o sr. Holmes, é claro, por Bell Clever e pelos seus, ha de ali apodreecer.

E soltou nova gargalhada de zombaria.

Depois, accrescentou:

—Reflecta bem sobre a sua situação, sr. Holmes. «E agora, adeus, até á vista.

Subiu a escada por onde havia descido, desaparecendo d'aí a pouco.

Ao ficar só, Sherlock Holmes viu que se se não desfizesse dos laços que o amarravam estava irremediavelmente perdido.

Mas como conseguil-o?

Durante alguns minutos, começou a mover os braços para alargar as cordas, mas cançou-se inutilmente. Nada conseguia.

Convencido d'isso, ficou immovel.

Olhou para o aposento proximo, illuminado por um candeeiro de petroleo e onde, como já dissémos, estavam embriagados dois homens e duas mulheres.

Junto d'esses homens viu uma faca no chão.

Ocorreu-lhe um pensamento.

Aquella arma ali deixada lá servir para o salvar. Arrastou-se como ponde até junto d'ella. Segurou a entre as mãos amarradas e collocou-a, de ponta para cima, n'um dos numerosos e pequenos buracos que se viam no pavimento.

Passou umas poucas de vezes, com cuidado, por entre as mãos amarradas o gume da faca, conseguindo ao cabo de alguns minutos de trabalho vêr-se livre dos laços.

A sua alegria foi indescriptivel.

Renascia-lhe a esperança.

O sangue, até ali meio paralisado nas mãos, começou a circular com normalidade.

Livrar-se dos laços dos pés foi para elle um brinquito.

Faltava descobrir o meio de sair do temivel *moimho vermelho*.

Resolveu, apoz breve meditação, deitar-se á agua do canal que por ali passava.

La pôr em execução o seu projecto quando ouviu o ruido de uma porta que se abria.

Precipitou-se sobre umas barras de ferro que estavam ao lume d'agua.

Julgou que eram os bandidos que voltavam, mas um grito de admiração e a luz da lanterna electrica que illuminava o rosto do que a empunhava fizeram-lhe conhecer o seu erro.

Quem ali estava era o seu joven ajudante Harry Taxon.

Este conheceu immediatamente a situação em que o criminalista se encontrava e disse-lhe:

—Agarre esta corda, sr. Holmes.

E atirou-lhe uma corda, com a qual o ajudou a subir.

Logo que chegaram a cima, viram que era necessario aproveitar o tempo para sairem do moimho que Harry Taxon havia com tanta sorte percorrido, para chegar junto d'elle, antes que viessem os bandidos.

Harry communicou-lhe que, infelizmente, lhe parecia que elles já estavam proximo.

O criminalista ouviu realmente o ruido de uma carruagem que se approximava.

—Venderomos caro a vida, disse elle, Harry?

—Tenho dois revolvers. Ah! tem um, respondeu o joven.

E entregou-o ao mestre.
Sherlock Holmes, olhando para a parede, exclamou:

—Aqui temos mais dois.

Com effeito, na parede estavam pendurados dois revolvers.

O criminalista tirou-os e viu que estavam carregados.

—Sabes quantos são os bandidos, Harry? perguntou elle.

—Só vi quatro, além do velho Jonathas e do mascarado.

—Esperemos aqui por elles e não te afastes do meu lado. Devem ser só esses quatro, ao que supponho, porque, naturalmente, o mascarado não vem e não conto com o velho.

Nesse momento a carruagem parou e ouviram os que n'ella vinham saltar estrondosas gargalhadas.

D'alí a momentos o criminalista viu abrir a porta do moinho e apparecerem os bandidos trazendo um d'elles uma lanterna.

—Esta noite, coxo, portaste-te como um catita, dizia um.

—Pois ainda me falta completar a obra, disse o coxo. Vaes vêr como...

E interrompeu-se, mettendo a mão no bolso para tirar um revolver.

—O que é isto? concluiu elle ao vêr assomar, de subito, pela porta entraberta do aposento contiguo, a bocca de um revolver.

Antes porém que elle pudesse puxar pela arma, uma bala certaíra derrubou-o, caindo ao mesmo tempo a lanterna que illuminava os bandidos, os quaes ficaram em densa escuridão.

Sherlock Holmes disparava na direcção da porta, onde tivera tempo de os vêr.

Pelos gritos e lamentos que soltavam os feridos, conheceu que as suas balas acertavam e que alguns estavam já fóra de combate.

Correu para a porta, a fim de agarrar os que pretendessem fugir.

Deu dois valentes murros em dois dos feridos que tentavam fugir, fazendo-os cair no chão, onde d'alí a pouco morriam, devido aos ferimentos que tinham recebido.

Durante o breve combate, que durára se tanto um minuto, Harry Taxon nada fizera.

Quando o criminalista correu para a porta, fez funcionar a sua lanterna electrica, á luz da qual viu perfeitamente um dos bandidos erguer a faca contra elle.

A unica maneira de evitar o golpe era segurar os braços do malfeteiro.

Foi o que o que elle fez, mas em resultado d'isso caiu-lhe o revolver.

A lucta foi rude e encarniçada e o criminalista teria d'ella saído, se não vencido, pelo menos ferido, se Harry Taxon não corresse em seu auxilio.

O bandido teve que ceder á força e desadeixar algemar.

Pouco depois saíam d'alí, livres e victoriosos, Sherlock Holmes e Harry Taxon.

No céu continuavam a scintillar myriades de estrellas e na terra reinava profundo silencio.

—Parece-me que o velho conseguiu fugir. Vamos aproveitar-nos do vehiculo que serviu para conduzir aqui os bandidos e dirigir-nos-hemos a Londres.

Foram á cavallaria onde estavam carruagem e cavallos.

Logo que Harry tocou os cavallos, estes precipitaram-se em direcção á cidade com rapidez tal que pareciam ter azas nos pés.

Meia hora depois chegaram á grande capital e quinze minutos decorridos apeava-se da carruagem Sherlock Holmes e entrava no commissariado d'aquelle districto, enquanto Harry ficava na boléa.

Depois de haver cumprimentado o commissario, o criminalista disse-lhe:

—Desejo que ponha á minha disposição quatro agentes, e quanto antes melhor, sr. Building.

—Bem sabe, sr. Holmes, que estamos sempre promptos a ajudal-o.

Minutos depois, os quatro agentes estavam preparados.

Já na rua, perguntou llic o commissario, que amavelmente se promptificára a acompanhar o criminalista:

—Onde vamos?

—Ao manicomio do dr. Douglas, em Canton-street, respondeu Sherlock Holmes.

Subiram para o carro, que tomou a direcção indicada.

CAPITULO VII

No castello de lord Lanstope

Emquanto no moinho vermelho decorriam os acontecimentos que acabamos de narrar, precisamente á

mesma hora no castello do velho lord Lanstope, n'um dos aposentos mais sumptuosamente mobilados, um luxuoso quarto de cama, uma mulher formosa e bella, n'um traje de noite deveras provocador, estava nos braços de um homem, retribuindo os beijos que este lhe dava e estreitando-o com força ao peito.

— Ainda bem que vieste, Spencer, disse ella, sentando-se n'uma *chaise longue* e convidando o amante a sentar-se junto d'ella.

— Tinha-te dito, Magdalena, que não faltaria e bem sabes que cumprio sempre o que prometto.

— Sim, é certo, mas a noite parecia-me já tão longa! Como conseguiste entrar?

— Facilmente. Saltando por uma janella, porque não convem que saibam que estou aqui. Passarei contigo uma ou duas horas, depois sairei e voltarei então officialmente, se assim me posso exprimir.

— Tudo tem corrido tão bem que ás vezes chego a perguntar a mim mesma se á ultima hora não naufragaremos. Seria realmente sorte demasiada.

— E porque havemos de naufragar, não me dirás?

— Sei lá. Presentimentos, ou antes receio de que tal succeda e te perca, o que me custaria mais que tudo.

— Louquinha!

— Sim, serei louca, mas se te amo tanto!

No aposento souo o ruido de beijos apaixonados.

— Também eu te amo, mas quero-te feliz, rica e invejada e para o conseguir não recuarei perante obstaculo algum. E ai d'aquelle que quizer oppôr-se ao que resolvi!

— Não contas com Sherlock Holmes.

O dr. Spencer soltou uma grande gargalhada de zombaria.

— A esta hora, está elle mais proximo da morte do que suppõe. Está em meu poder no moinho vermelho.

— Como conseguiste apoderar-te d'elle?

O bandido contou á amante tudo quanto os nossos leitores já sabem, á cilada na propriedade de lord Jorge, á condução do criminalista para o moinho e até a entrevista que com elle tivera.

Nada lhe esqueceu, nenhum pormenor omitiu.

Magdalena objectou:

— Não devias ter-lhe promettido a vida até amanhã. Quem sabe se não encontrará meio de fugir do moinho?

— Fugir d'ali? Estás doida.

— E se os seus amigos se põem em campo?

— Quem é que sabe onde elle está?

— E' verdade, mas dizem que o ajudante do criminalista, o tal Harry Taxon, é muito habil.

— Ora, adeus, um creançolal! D'esse zombo eu á vontade. E se apanhei com facilidade o mestre, com

maior facilidade ainda apanharia o discipulo se elle se tornasse incommodativo.

— Tens razão e o que digo não é por duvidar da tua inegualavel habilidade, mas, repito, apenas com receio de qualquer contratempo.

— Teria sido melhor desfazeres-te de Sherlock Holmes immediatamente.

— O que eu não fiz, entros o farão, está descansada.

E um sorriso de ferocidade contrahiou os labios do bandido.

— Não te comprehendo.

— Pois é facil de comprehender.

— Eu prometti-lhe a vida até amanhã, mas os meus homens é que não quereão saber d'isso e ainda hoje lhe darão cabo da pelle. Teem muito medo d'elle para o deixarem viver, principalmente o coxo. Li-lhe nos olhos a resolução que tomou e abstive-me de lhe dar ordem em contrario. Está entregue em boas mãos.

Magdalena Berdon soltou um suspiro de fundo allivio.

— Bem, por esse lado, estamos descansados. E Laura?

— Vae melhor, mas não poderá viver mais de dois dias.

— Esqueces-te de que já falhou uma tentativa e que, segundo tu mesmo me dissesse, a mudaram de quarto, de modo que não é facil chegar onde ella se encontra.

— Pois, apesar de todas essas precauções, ha de morrer dentro de dois dias, affirmo-te eu.

— Assim seja, para tranquillidade de ambos, porque ao saber o que se passou, do meu casamento com o falso Jorge, com certeza falaria e estaríamos assim perdidos.

— Nada ha de saber.

— Desconfia d'ella. As mulheres são sempre mais habeis que os homens, principalmente na arte de dissimulação. E o ciúme é terrivel. Se ella soubesse que o seu amado Jorge, tinha casado com Magdalena Berdon!

— Quem lh'o ha de dizer?

— Uma indiscreção qualquer pôde tornal-a sabel-dora d'esse facto.

— E's uma medrosa. Vês difficuldades em tudo. Digo-te e repito-te que Laura ha de morrer no prazo de dois dias. Embora tenha de deitar fogo á casa de saude, ha de cumprir-se o que eu resolvi. Pena foi que o maldito criminalista não a tivesse mandado conduzir para tua casa.

— Já desconfiaria de mim?

— Talvez. E' um passaro muito fino.

— Mas mais fino és tu, meu adorado.

E de novo no aposento souo o ruido de beijos.

—Queres enlouquecer-me, minha sereia?

—Não, mas quero provar-te que te amo e sempre te amarei, pois és tu o unico que me fez paipitar o coração. Admiro a tua coragem, a tua valentia e o teu modo de proceder. E's o meu deus, o meu verdadeiro idolo.

—Lisongeira!

—Não. Digo a verdade apenas. Quando te vi pela primeira vez, conheci na expressão do teu olhar que eras um homem e senti-me dominada.

—Basta de tolices, tratemos do que importa. Como correram por cá as coisas?

—Maravilhosamente. O velho recebeu-me a principio com desconfiança, mas depois de lhe apresentar os papeis em que se certifica ser eu a *viuva* de seu *fallecido* filho, abraçou-me e beijou-me commovidamente e não me trata senão por filha. Custou-me a conseguir vir aqui. Tive de pretextar uma enxaqueca queixando-me da falta de repouso. Foi o unico modo de me mandar acompanhar por um velho creado a este quarto. A proposito, como soubeste que eu estava n'este aposento?

—Tontinha! Já te disse que saltei por uma janella, mas do lado de fóra vi luz n'este aposento e calculei que eras tu que aqui estavas. Não eram com certeza os creados quem aqui poderiam estar. Entrei na casa com as maiores precauções e depressa me certifiquei de que me não enganava. Tudo dormia e pude assim chegar aqui com facilidade. O tempo, porém, urge. Tenho de voltar pelo mesmo caminho, para então, d'aqui a pouco, poder entrar ás claras.

Puxou pelo relógio. Eram perto de duas horas da noite.

—Temos diante de nós umas duas horas pouco mais ou menos. Prefiro entrar de madrugada, quando ainda não seja bem dia.

—Porquê?

—Cá me entendo. De resto, a explicação é facil. Só ás quatro horas e meia é que chega o comboio de Londres. Virei da estação e a minha chegada não despertará suspeitas.

—Tens razão. Pensas em tudo.

—Fizeste o que te recommendei?

—Sim.

—Os remedios?

—Envenenados.

—Alguem viu ou desconfiou?

—Ninguem.

—E o velho?

—Aproveitei um momento em que elle descansava, ou antes, estava amadornado, para deitar n'elles o conteúdo do frascoinho que me deste.

—E esse frasco?

—Está ali, na minha mala.

—Fal-o-hemos depois desapparecer. Homem pre-

venido vale por dois. Nunca convem deixar vestígios do que se faz.

—Então, sempre desconfias d'alguma coisa? perguntou ella.

—Não. Previno apenas uma eventualidade que póde dar-se. De resto, ninguém sabe de que veneno me servi. Não deixa vestígios. Um unico homem apenas seria capaz de o descobrir, mas d'esse, a esta hora, devemos estar já livres.

—Sherlock Holmes?

—Sim. Era terrível esse homem, visto que tudo sabia, tudo conhecia. Chego até a admirar-me de como se deixou cair na cilada que lhe armei.

E ficou durante um momento pensativo, acrescentando depois:

—Emfim, isso prova que o homem mais habil tem um momento de fraqueza. E' por isso mesmo que eu não quero deixar vestígios alguns do que fizemos. Conquistámos a fortuna, uma fortuna soberba, temos de conservá-la e defendê-la. Lady Magdalena Lanstope—e inclinou-se n'uma graciosa mesura—deseja mais alguma coisa?

—Quantos dias durará ainda meu *sogro*?

—Sete a oito dias o maximo.

—Quer dizer que d'aqui a dias serei eu *millionaria*.

—Nem mais, nem menos.

—E quando quer o sr. dr. Spencer dar a honra de pedir a mão de lady Magdalena Lanstope?

E a criminosa actriz fez por sua vez uma outra não menos graciosa mesura.

—O dr. Spencer casará com lady Magdalena d'aqui a seis mezes, pois é preciso guardar as conveniencias. Antes, porem, Spencer abraçará e beijará Magdalena já esta noite.

Os dois miseraveis collaram os labios...

D'ahi a uma hora, Spencer, com as mesmas precauções que tomara ao entrar, saia do castello do velho lord Camillo, dirigindo-se para a estação do caminho de ferro.

CAPITULO VIII

No manicomio

Ao chegarem á porta do dr. Douglas, o criminalista tocou a campainha com força.

—O que é? perguntou uma voz de dentro..

—Bons amigos.

—Quem é o senhor?

—Um enviado do dr. Spencer, respondeu Sherlock Holmes.

Ouviu-se o porteiro metter a chave na fechadura, dar uma volta e abrir a porta.

Ao conhecer o engano e ao vêr os agentes de policia, tentou fechal-a, mas era já tarde.

Tinham entrado o criminalista e o commissario de policia, que o ameaçaram de revolver em punho.

O porteiro começou a tremer.

—Não seja tolo, disse Sherlock Holmes. Nada lhe succederá se nos acompanhar até onde está o seu amo.

Tentou fugir, mas, vendo-se ameaçado, não teve remedio senão resignar-se.

Seguiram por pateos e escuros corredores com a maior precaução, sabindo finalmente uma escada que ia dar a um largo corredor onde se viam salas á direita e á esquerda, no fim das quaes havia uma muito grande, a avaliar pelo espaço em que se não viam portas.

—E' este o aposento do doutor, disse o porteiro. Sherlock Holmes bateu á porta, esperando durante um minuto que a abrissem.

Como visse que de dentro não davam signaes de vida, puxou pela sua gazua e abriu-a.

Evidentemente, era a sala de visitas do medico. Do tecto pendia uma lampada de luz electrica que illuminava perfeitamente toda a sala.

—Onde dorme o dr. Douglas? perguntou o criminalista ao porteiro.

—Ali, respondeu este, indicando uma porta.

Sherlock Holmes entrou e accendeu a luz.

A cama estava desfeita e conhecia-se perfeitamente que alguém a havia abandonado momentos antes, pois ainda estava quente.

Era escusado procurar ali o doutor.

Ouviram-se passos que se approximavam rapidamente.

Os agentes puxaram pelos revolvers e esperaram.

No mesmo instante apparecia á porta da entrada o medico, seguido por dois guardas do estabelecimento, homens de forças herculeas.

—Boas noites, doutor, disse Sherlock Holmes ao vél-o.

E pondo-lhe uma das mãos em cima do hombro, accrescentou, enquanto os agentes visavam as guardas dos os revolvers:

—Commissario, póde mandar algemar esses dois homens.

Vendo que era inutil a resistencia, os dois guardas renderam-se.

—Agora, doutor, queira conduzir-nos ao sitio onde tem lord Lanstope.

Enquanto os agentes ficavam guardando os presos, o medico levava o criminalista e o commissario

de policia, por uma porta secreta, que os conduziu a um escuro corredor.

Havia de um dos lados uma grande sala, na qual se viam cinco camas, separadas umas das outras por tabiques.

N'essas camas repousavam quatro mulheres e um homem, lord Jorge.

Eram cinco pessoas que criminosamente haviam sido internadas no manicomio, para que outros se lhes apoderassem das riquezas.

Quando o lord viu o criminalista, saltou da cama e abraçou-se a elle, derramando lagrimas de contentamento e sentindo tão intensa emoção que não poude proferir palavra.

A scena era tão impressionadora que aos olhos de Sherlock Holmes, apesar da sua flegma, assomaram as lagrimas.

Holmes ordenou que ao lord fosse dado um cor-deal para se reanimar.

A primeira pergunta que o joven lord dirigiu ao seu salvador foi para saber o que era feito de Laura de Reiden.

O criminalista não julgou conveniente dizer-lhe que havia sido ferida, afirmando-lhe que estava boa e que em breve a veria.

* * *

Na manhã seguinte, Sherlock Holmes e lord Jorge subiam para um compartimento reservado do comboio, que em pouco tempo os conduziu a Lanstope, onde lord Camillo tinha uma das mais formosas propriedades de Inglaterra, cheia de arvores seculares.

E' indescriptivel a commoção que lord Jorge sentiu ao contemplar o solar onde nascera!

Depois de terem transposto a porta do jardim, saii-lhes ao encontro um velho creado com a librê da casa.

—O nosso bom Patricio! exclamou o lord, abraçando-o.

O creado havi aos visto e approximára-se cheio de alegria, derramando abundantes lagrimas de contentamento, ao mesmo tempo que beijava repetidas vezes as mãos do seu joven amo.

—Deus é justo e mizericordioso! exclamou elle finalmente.

E começou a subir as escadas com a ligeireza que lhe permitia a vançada idade, para ir communicar ao velho lord a grata noticia.

Ao chegar á sala de jantar, julgou que seria conveniente prevenir o joven lord do estado em que seu pae se encontrava.

—Ha dois dias, disse elle voltando atraz, que lord Camillo está doente, devido á noticia da morte de vossa excellencia.

«Hontem veio uma senhora nova e formosa, vestida de luto, que pediu licença para visitar seu pae.

«Emquanto ella lá esteve, tive de ir ao quarto de lord Camillo e vi que elle lhe pegava nas mãos, tratando a por nora.

—O que? exclamou o joven lord.

—Sim, é certo! replicou o criminalista rindo.

—Hoje de madrugada veio um cavalheiro novo, parente d'essa senhora, que a cumprimentou muito cordealmente, accrescentou Patricio. Ainda estão no quarto do lord.

—Que satisfação me causa tal visita! disse Sherlock Holmes, rindo. Queira dizer a esse cavalheiro que algem lhe quer falar.

O velho creado levou o criminalista para a sala contigua do quarto do velho lord, onde entrou para dizer ao visconde Salin que um cavalheiro desejava falar-lhe.

O visconde saiu. Ao entrar na sala encontrou se cara a cara com Sherlock Holmes, a quem havia deixado bem amarrado no *moinho vermelho*.

—Tornamos a vêr nos, meu caro doutor, segundo me disse na noite passada, exclamou o criminalista rindo.

O medico ia fugir, quando viu á porta, por onde tentava fazer o, uma outra victima sua, já em liberdade, o joven lord Jorge.

—E como está a sua amante? continuou Sherlock Holmes zombeteiramente, dirigindo-se para a porta para lhe cortar a retirada.

—Senhor Holmes, disse o dr. Spencer, em tom solemne, é um cavalheiro. Jogámos uma partida e o senhor ganhou.

«Peco-lhe encarecidamente que, como cavalheiro que é, tenha compaixão de Magdalena e a não arraste aos tribunaes.

«Ficar-lhe-hei extremamente reconhecido.

—Dispense esse reconhecimento, replicou o criminalista com ironia.

E algemou o criminoso doutor.

Em seguida entrou no quarto do velho lord, onde

estava Magdalena, dizendo, depois de ter cumprimentado o ancião:

—Desculpe-me, milord, o interromper a sua amavel conversação com esta senhora, mas preciso dizer-lhe duas palavras.

Apenas Magdalena entrou na sala proxima viu o amante algemado.

Comprehendeu immediatamente a sorte que a esperava e, sem tentar a menor resistencia, estendeu os pulsos ás algemas que o criminalista lhe mostrava, depois de ter abraçado o amante.

Sherlock Holmes voltou ao quarto de lord Camillo e depois de o ter preparado para receber a alegre noticia da volta de seu filho, a quem todos julgavam morto, examinou os remedios que ali se viam.

Estavam, como se sabe, envenenados.

O velho lord não teria vivido uma semana mais se Sherlock Holmes o não tivesse salvo.

*
*
*

Algumas semanas depois, completamente restabelecida, Laura de Reiden era apresentada a lord Camillo por seu filho, como sua futura esposa.

O dr. Spencer e a sua digna amante Magdalena Berdon eram condemnados a quinze annos de trabalhos forçados.

O senhor Douglas e os dois guardas do seu manicomio eram condemnados a prisão correccional.

Os bandidos do *moinho vermelho* poucos dias so-breviveram aos ferimentos recebidos na luta contra o criminalista.

O velho Jonathan foi um dia encontrado enforcado n'uma arvore.

A familia Lanstope obrigou o celebre criminalista Sherlock Holmes a acceitar uma recompensa principessa, o que lhe permittiu descansar uma larga temporada.

FIM



Ler no proximo numero:

Os doze corações

(Aventuras extraordinarias de um policia secreto)

OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologicos

(Por Armando Dubarry)

O Amor nos suas diversas manifestações, reger, rege e regerá perpetuamente o mundo. Provam-no o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições de todos os povos até à actualidade e a nos a vida contemporânea.

E tu lá! as aberrações a que as paixões desvairadas conduzem os humanos, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathologicos que suborinhou no titulo geral *Desequilibrados do Amor*, e nos que os vícios contra natura, o hermaphrodismo, a hysteria, a depravação e a sumptos analogos, são tratados com mão de mestre.

Dos *Desequilibrados do Amor* acha-se publicão o primeiro volume:

O Fetichista

Devendo seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da lubricidade, os seguintes, já no prelo:

Os Invertidos
O Hermaphrodita
A Hysterica
Os Flagellantes, etc., etc.

500

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel

REIS

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia - amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes

volumes:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perna | 19 Ressurreição de Jackson |
| 3 Evasão d'um malvado | 20 Sapatos de defuncto |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino | |
| 6 Um attentado terrorista | 22 Mulheres policia |
| 7 A creança mórtyr | 23 Um milhão de francos |
| 8 Resgate sangrento | 24 As travas de um Yankee |
| 9 A falsa suicida | 25 Coração torturado |
| 10 Um d'ama nos nuvens | 26 O quarto dos mortos |
| 11 Junto da guilhotina | 27 A cabeça cortada |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 28 O segredo do conde |
| 13 O cão policia | 29 Tragado pela areia |
| 14 O esqueleto vivo | 30 A derrota dos bandidos |
| 15 Bandidos de casaca | 31 Os mysterios de Chicago |
| 16 A raiz ha dos apaches | 32 O subterraneo dos cadaveres |
| 17 Duas ficanhas notaveis | 33 Por seguir um a mulher |
| | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume — Serie completa, 2.000 rs.

REIS

LIVRO DE LEITURA

para a 4.ª classe dos Lyceus
= 1 volume illustrado 400 rs. =

JIU-JITSU

1 vol. edição de luxo com 19 bellas fotografuras de pagina
= 600 reis =

Colleção Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, gatinho da alta roda, por Maurice Leblanc (Esg.). 2. O Homem Misterioso, Guy de Téraumont. 3. O tunulo de gelo, Pierre Giffard. 4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grito na treva, Golsceorthy. 6. O Prisioneiro de Marie, G. Le Rouge. 7. O Club dos Ladroses, Henry A. Hering. 8. A Agulha deca, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi. 10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard. 11. O Canhão do somno, Paul d'Ivoi. 12. Qual dos tres! grande romance policial. 13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge. 14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton. 15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras Paul d'Ivoi. 16. Kowa, a mysteriosa por Ch. Foley. 17. 813. (Novas aventuras de Arsenio Lupin) por M. Leblanc. 18. Em Férias, por Henri de Régnier. 19. O Palacio submarino, por Max Pemberton. 20. Um crime tenebroso, por A. Galopin. 21. A sombra mysteriosa, por Ferigus Hume.

350 rs. Cada vol, in-4º, contendo a materia de um
grosso vol, in-8º, de 300 rs. 350

Novidade Litteraria

ESCOIA DO VICIO

por Victorien du Saussay
1 vol. com capa artistica 700 rs

LEIAM TODOS:

O conquistador de criadas
O amante romane d'aventuras galantes
Um grosso volume com capa artistica e esplendidas gravuras 300

RENÉ EMERY

S.ª Maria Magdalena

Romance dos tempos biblicos
I A Paschoa de Formosura — II Chamas de voluptuosidade — III Moab, terra da luxuria — IV Pela senda do amor — V Beijo supremo.
1 eleg. vol. em 8º com artistica capa a 8 cores 700 rs.

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz
1 vol. ed. de luxo, 600 rs

TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kumlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in 8º gr.

300 Rs.

UMA OBRA VERDADEIRA E MENTE SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilegios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ

600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL Rs. 60

É mais notavel e sensacional
♦ das novidades litterarias ♦

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

✚ HISTORIA de PORTUGAL ✚

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

- 1 Viriato, o heroe luso
- 2 Roma na Lusitania
- 3 Os barbaros do Norte
- 4 A invasão dos Arabes

- 5 Fundação de Portugal
- 6 O cerco de Guimarães
- 7 Egas Moniz

A seguir:

- 8 Conquista de Lisboa
- 9 Giraldo Sempavor
- 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth)
- 11 Tomada d'Alcácer
- 12 Rainha D. Mécia

- 13 O Bolonhez
- 14 O rei trovador
- 15 Rainha Santa Izabel
- 16 A Batalha do Salado
- 17 Ignez de Castro
- 18 A Rainha Adultera

CAROLUS DIDIER

A ORGIA BIBLICA

Romance passionnal, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo,
magnificas gravuras e capa artistica

700 rs.

NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detetive

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA rs. 100

Não existe um americano, seja elle quem iôr, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famo-o agente, o inspector Mc Clusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'e'ta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais inacreditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguem o reconheça aos mais audaciosos lan' es, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobes orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, outr'ora simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, p'lo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embragaçora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um gatuno de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onle as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e to- **NICK CARTER** dos os seus mysterios conhece-os

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, fórma um episodio completo.

Volumes publicados:

- 0 rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime d' Carruthers. 6. O ranto d'um noivo. 7. Visioho mysterioso. 8. Caça aos milhões. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatunos. 11 O rapto da duqueza 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de batota. 14 O homem da mão de ébano. 15. As joias de mr. Hackert. 16 Um electrico peigoso. 17 No Casino de Palm Beach. 18 Uma victima da sciencia. 19 O assassinio de Fall River. 20 Aventuras d'um policia no Far-West. 21 Os poços de petroleo. 22 O Olho do Diabo.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dr. PEDRO GUERDES

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, achae-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas famlias, pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resente da falta d' conhecimentos de medicina

Um volume 8.º grande illustrado de 226 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegantemente cartonado — reis 700